

## COMISSÃO PERMANENTE DE ESPORTES E LAZER

### AUDIÊNCIA PÚBLICA REALIZADA EM 27 DE ABRIL DE 2007.

Presidência da Sra. Vereadora Patricia Amorim, Presidente.

Às dez horas e trinta minutos, no Plenário Teotônio Villela, tem início a Audiência Pública da Comissão Permanente de Esportes e Lazer, sob a Presidência da Sra. Vereadora Patricia Amorim, Presidente da Comissão, com base no art. 4º da Resolução nº 1.052/06.

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Bom dia a todos. Dou por aberta a Audiência Pública do Plano Diretor, da Comissão de Esportes e Lazer. A Comissão – que é composta por mim, Vereadora Patricia Amorim, pelo nobre Vereador Rogério Bittar e pelo Vice-Presidente Vereador Nadinho de Rio das Pedras – agradece a presença de todos que se mobilizaram para estar aqui hoje de manhã. Sabemos que todos têm seus compromissos, mas a discussão do Plano Diretor é uma discussão em que precisamos da participação de todos a fim de podermos incluir nessa proposta as sugestões e reivindicações do setor. Portanto, cabe a nós, legisladores, promovermos esses encontros, analisarmos as propostas e encaminharmos essas sugestões a fim de que se regulamentem as proposições através de Emendas ao Plano Diretor.

Primeiramente, vamos compor a Mesa. Eu convido, então, o Exmo. Sr. Secretário de Esporte, Lazer e Turismo do Estado do Rio de Janeiro, Eduardo Paes; o Exmo. Sr. Secretário Municipal de Esporte e Lazer, Sr. Gustavo Cintra; a Exma. Sra. Andréa Nascimento Ewerton, Diretora do Departamento de Políticas Sociais de Esporte e Lazer do Ministério dos Esportes.

O Cerimonial adentrou o recinto agora, e para não cometermos nenhuma gafe, temos de anunciar a presença de todas as ilustres personalidades e autoridades. Enquanto isso, damos conhecimento aos presentes de correspondências enviadas pelo Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Dr. Carlos Artur Nuzmann, que nomeia o Professor Agberto Guimarães, que compõe a Mesa, para contribuir com esta Audiência Pública.

Recebemos comunicado da Confederação Brasileira de Handebol informando que seu Presidente não poderia participar deste evento por estar num congresso na Europa.

Recebemos também correspondência do Conselho Federal de Educação Física, cujo Presidente, Jorge Steinhilber, não pôde estar presente, e indicou o Sr. Sérgio Sartori, do Confef, para representá-lo.

Convidamos o Sr. Sérgio para fazer parte da Mesa.

Também recebemos mensagem da Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno, cujo Presidente, Hélio Meirelles Cardoso, nomeia a Assessora Prof. Arly Augusta Peter Pires de Souza, Coordenadora de Educação Física do Colégio Pedro II – Unidade Humaitá, para nos auxiliar nesta Audiência Pública.

Agradecemos e comunicamos a presença da Sra. Ana Carolina Portela, representante logística de valor agregado, representante da LVA.

Também a presença da Sra. Ieda Botelho, representante e Presidente da Federação de Ciclismo da Cidade do Rio de Janeiro.

Contamos, também, com a presença do Sr. Gilson Santos, representando a Federação de Ciclismo.

Ao Sr. Presidente da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa, Sr. Alaor Gaspar Pinto Azevedo, agradecemos a presença e colaboração.

Agradecemos as presenças do Sr. Luiz Mário Becklin, que representando o Comitê Social do PAN; a Sra. Adriane Marques, que representa a Confederação de Estudantes de Educação Física; Sr. General do Exército, Cláudio Barbosa Figueiro, Assessor da Presidência, que representa a Confederação Brasileira de Vôlei; Sra. Neuza Maria Soares, que é Presidente da Associação de Moradores do Sumaré; Sr. Guilherme Araújo de Souza, que representa a AVSCM do Rio de Janeiro; do Sr. Germano Tomé, representante da Associação Pedra de Guaratiba; Sr. José da Silva Porto, representante da Federação de Ciclismo; Sr. Sub-Secretário de Esporte Lazer, Wagner Azevedo; Sr. Hidelfonso Castro Júnior, representante da Rio-Urbe.

Temos presentes outras pessoas ilustres, e ao longo desta Audiência Pública nós teremos o prazer e satisfação de anunciar seus nomes.

Senhoras e Senhores, o que se discute hoje, e esta Câmara não se ausentou desta discussão, nenhuma dos seus segmentos, através das suas Comissões permanentes, é a participação da sociedade através do Poder Legislativo. Uma prerrogativa do Legislativo é fazer essas sugestões através de Emendas ao Plano Diretor, recebido por esta Casa do Poder Executivo, mas questões que definem as regras de uso e ocupação do espaço geográfico, numa linguagem mais coloquial. Para nós, da Comissão de Esporte e Lazer, nos causou um desconforto muito grande que em nenhuma das Alíneas, em nenhum Inciso do Plano Diretor encaminhado à Câmara Municipal, se fala sobre qualquer intervenção do Plano Diretor na área esportiva. Esperamos que tenha sido de fato, um esquecimento. Não queremos concluir que isso demonstre a falta de interesse do Poder Executivo em discutir as intervenções dessa ocupação de solo na área esportiva. A Constituição Federal – e, aí, eu cito –, através do Artigo 217, do Inciso 2º, trata da destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional, bem como para casos excepcionais de desporto de alto rendimento; não bastasse a Constituição Federal, não bastasse um Decreto Federal nº 981/93, que regulamenta as políticas nacionais do desporto, ainda a própria Lei Orgânica do Município entende que a oferta de espaço público para construção de áreas destinadas ao desporto e ao lazer deverá ser definida, observadas as prioridades pelo Poder Executivo, ouvidos os representantes das comunidades diretamente interessadas e organizadas na forma de associações de moradores ou grupos comunitários. Por tudo isso, entendemos que do Plano Diretor, sem dúvida nenhuma, deveria constar, no mínimo, uma ou mais Alíneas que dessem destinação esportiva às intervenções municipais.

Poderíamos argüir que, através do Orçamento, não haveria condições de implantar novas Vilas Olímpicas, novas quadras esportivas nas escolas, novas praças de lazer e de esporte. Mas deveríamos explicitar, e vamos fazê-lo depois desta Audiência Pública, essas indicações através de Emendas – explicitar a intenção de, através de estudos, demandas, necessidades, estudo de um censo dessa ocupação, de que forma essas áreas devem ser ocupadas, e em que regiões. Além disso, não só pela necessidade esportiva educacional e pela

importância que hoje o esporte tem dentro da sociedade como política pública, enfim, procurar dar a destinação devida a essa pasta, ainda que não haja Orçamento, mas haja intenção de fazê-lo – regulamentada através de leis –, e que se faça um estudo, também, de impacto ambiental. Acredito que, quando o Poder Público decide construir praças públicas de esportes, Vilas Olímpicas e estádios, acompanhado a isso deve haver um planejamento de ocupação desses equipamentos, de impacto ambiental, de impacto viário, de importância para a região. Sem esse planejamento estratégico, sem essa intenção – e essa intenção não existe no Plano Diretor que recebemos – fica muito difícil o Poder Executivo e a sociedade entenderem que há, por parte do Executivo Municipal, a intenção de ter uma política pública de esportes.

Antes que haja intenção e a possibilidade financeira, com aqui ressaltei, antes que haja preocupação de formular uma política esportiva efetiva, de resultados – uma vez que o IBGE apresenta, na última pesquisa, que menos de 50% das escolas municipais têm quadras esportivas –, antes de se fazer uma intervenção de Vila Olímpica por questões políticas, mas por uma intenção e uma comprovação técnica que se deve ter, o cuidado de preservar esse dispêndio de dinheiro público, por que não, por exemplo, fazer uma parceria com clubes vizinhos, ou universidades, ou Forças Armadas de forma a preservar o Município de gastos de manutenção e segurança em áreas em que no entorno existam escolas municipais que não sejam contempladas através de projetos esportivos? Há que se discutir hoje, aqui, as intervenções urbanísticas, mas com a intenção de, num segundo momento, elas serem acompanhadas de um plano estratégico de ocupação desses equipamentos através de programas, e, conseqüentemente, de projetos que façam com que tenhamos uma Política Pública de esportes eficiente. Essa é a contribuição que a Câmara Municipal pode e deve dar, e ela não se ausenta dessa discussão num momento em que a cidade vive uma expectativa muito grande em relação aos Jogos Pan-Americanos – e em nenhum momento foi discutida qualquer Política Pública de esportes. Discute-se o legado arquitetônico, enfim, desses equipamentos, mas não se discute a Política Pública de continuidade e de ocupação desses equipamentos.

Então, nada mais coerente e necessário do que se fazer essa discussão.

Neste momento, eu quero agradecer a presença do Prof. Sérgio Tavares, representando o C.R.E.F., que muito nos honra com a sua presença e, tenho certeza, com sua contribuição.

Para finalizar, a Comissão, para dar início a esse processo de participação, entende que no Plano Diretor, com o objetivo de atender aos anseios da sociedade carioca, como sugestão de Emenda Aditiva, há de se inserir no seu Artigo 5º, inciso III, e Artigo 201, inciso 5º, alíneas que especifiquem e regulamentem a política de instalação de mobiliários esportivos em logradouros públicos. Pode parecer óbvio, mas o Plano Diretor não contempla isso.

Gostaria de solicitar àqueles que farão uso da palavra que utilizem cerca de cinco minutos para que todos possam falar.

Passo a palavra ao Exmo. Sr. Secretário de Esportes do Estado do Rio de Janeiro, Deputado Eduardo Paes.

O SR. SECRETÁRIO EDUARDO PAES – Bom dia a todos. Eu queria saudar a Vereadora Patricia Amorim, Vereador Rogério Bittar, Vereador Nadinho de Rio das Pedras, membros da Comissão Permanente de Esportes e Lazer da Câmara Municipal, e todos os presentes, bem como cumprimentar os demais componentes da Mesa, em especial o Gustavo, Secretário Municipal de Esportes e Lazer.

Gostaria de começar me desculpando por ter pedido à Vereadora Patricia Amorim que me deixasse falar antes dos demais porque, infelizmente, não poderei ficar até o final da reunião em razão de compromisso assumido anteriormente.

Hoje, algo raro e que eu tenho conseguido fazer muito pouco, estou indo, à tarde ao interior do estado.

Eu queria fazer uns comentários, Vereadora Patricia Amorim, a respeito das questões do Plano Diretor, relacionadas, obviamente, à áreas esportiva. Esse é um papel essencialmente municipal, quer dizer, o Estado tem uma interface muito pequena nessa questão, especificamente, de como interceder na ocupação do solo urbano. O Estado tem um papel importante, ou pelo menos deveria ter, na definição das Políticas Públicas, no caso da área de esportes.

O que nós víamos no Estado do Rio de Janeiro, até bem pouco tempo atrás, era um conflito permanente entre os agentes públicos, entre os agentes políticos, o que certamente dificultava muito a ação daqueles tomadores de decisão nos mais variados temas, mas muito especificamente em relação a esse tema da ocupação do solo.

A Vereadora Patricia Amorim chama a atenção para dizer que estratégia deve ser adotada no momento ou na definição da ocupação do solo, para se dizer se ali haverá uma área destinada a uma Vila Olímpica, ou uma grande intervenção, ou se haverá a prioridade da ocupação de um equipamento já disponível. Portanto, essa é uma pergunta que fica muito difícil por parte de quem tem que responder – o município –, quando as políticas são completamente desintegradas. Vou dar um exemplo claro do que se passa hoje no Rio de Janeiro ainda, mas estamos caminhando para uma situação diferente. A Prefeitura do Rio de Janeiro tem um programa de Vilas Olímpicas, um programa de muito sucesso, o Movimento Esporte e Lazer, que vem do ano de 2001, funcionando com tremendo sucesso, cumprindo o papel integrador que o esporte tem de cumprir. O fato é que o estado, até há bem pouco tempo, tinha um projeto muito parecido, mas com uma outra nomenclatura, o Projeto Zico, o Projeto Jacqueline. O Governo Federal, também cumprindo esse papel integrador, tinha o chamado Segundo Tempo, conduzido por uma ONG, principalmente em razão das dificuldades de comunicação com o Governo do Estado até o ano passado. Quer dizer, é óbvio que, para o tomador de decisão, os Vereadores que tratarão dessa questão no Plano Diretor, que têm que apontar, que critérios, que áreas, que tipo de ação vai ser fazer quanto à ocupação do solo relacionada ao esporte, para o próprio tomador de decisão municipal ou agente público do Executivo, que também tem que tomar decisões, fica muito difícil, a partir do momento em que as Políticas Públicas são completamente desconstruídas. Buscam os objetivos óbvios do que seria uma política de esportes adequada, mas são Políticas Públicas absolutamente desconstruídas.

Acho que a nossa colaboração, Vereadora Patricia Amorim, é assumir de público perante tantas entidades, perante os representantes do Parlamento Municipal, o nosso compromisso de integrar essas Políticas Públicas.

Conversava agora com o Gustavo: a Suderj, a Secretaria de Esportes, retoma alguns projetos de esportes em áreas comunitárias, buscando esse elemento da integração social, o Suderj Em Forma. Esse projeto vai começar a ser espalhado pela cidade, pelos municípios do interior.

Que critérios estamos utilizando para implementar esses projetos? Que critérios estão sendo definidos para a localização geográfica desses projetos? É levada em consideração a existência anterior, em uma determinada comunidade com as características que são pré-requisitos para o projeto, de alguma intervenção do município? É levada em consideração a preexistência do Projeto Segundo Tempo do Governo Federal naquela mesma comunidade? Será que o estado deve intervir ali na execução de um projeto ou será que é mais interessante o estado intervir na preparação de um determinado equipamento que possa qualificar o projeto que o município já desempenhava? E vice-versa com o Governo Federal.

Acho que o desafio que essa Comissão tem – acho que os atores colocados têm toda a disposição para isso, a relação com o município é excepcional, a relação com o Governo Federal é excepcional –, o grande desafio da Câmara de Vereadores é fazer com que essas políticas se falem, é ajudar para que os três níveis de governo se falem.

Portanto, Vereadora Patricia Amorim, o elemento fundamental das políticas que vamos implementar no estado – a boa notícia é que o Governo Federal já tomou a decisão de passar o Programa Segundo Tempo para a gestão da Secretaria Estadual de Esportes –, nossa idéia é trabalhar em conjunto com os diversos municípios do estado. Realizamos um fórum com todos os Secretários Municipais, onde o Secretário Municipal do Município mais importante do estado esteve presente. Nossa idéia é funcionar sempre como intermediário, entre os diversos municípios e o Governo Federal para que essas ações possam se dar a partir de alguns critérios mínimos. É óbvio que o critério do IDH é um critério relevante. É óbvio que a situação de violência, de criminalidade, naquela comunidade, é relevante... O público-alvo desse projeto geral são jovens. É um elemento absolutamente relevante. É fundamental que esse cruzamento de dados se dê e a que as informações, tanto do estado, como do Governo Federal, quanto do Governo do Município possam estar absolutamente disponíveis e transparente, para que essas decisões possam ser tomadas.

Na minha opinião, esse é o primeiro passo para se definir que tipo de intervenção na ocupação do solo urbano deve ser tomada. Confesso que tenho milhares de opiniões a esse respeito, até mais do que na área de esportes, mas não me cabe aqui avançar nisso.

Acho que o papel do estado é o papel de dar transparências às suas políticas, conversar com os líderes de governo para permitir que o gestor público, e o Parlamento Municipal – que vai ter que votar esse Plano Diretor, - que me parece já vem com algum atraso, essa é uma necessidade urgente da Cidade do Rio de Janeiro. Falo como carioca, apaixonado por esta cidade. Que esses elementos possam ser levados em considerações e facilitem a tomada de decisão de todos vocês.

Enfim, eram essas as minhas considerações. Queria me colocar mais uma vez à disposição, dizer que o estado vive numa situação difícil. Nossa tarefa inicial nesse primeiro momento está muito concentrada nos Jogos Pan-Americanos. O estado não tem uma Secretaria específica para os Jogos Pan-Americanos. Na verdade, tivemos a fusão de duas Secretarias e uma terceira que são Jogos Pan-Americanos, portanto são três Secretarias... Estamos no rota final dos Jogos Pan-Americanos, o que faz com que tenhamos um tempo enorme tomado pela realização desse grande evento que vai ser trazido para o Rio de Janeiro.

Só queria fazer um breve comentário sobre os Jogos Pan-Americanos. Vereadora Patricia Amorim... Eu tenho ouvido... Ontem eu conversava com a Presidente da Federação de Ginástica. Vi lá a situação de penúria da Federação de Ginástica. Pediram uma Audiência, recebi... “Estamos com dificuldade, isso e aquilo... É um absurdo, tanto recurso sendo gasto no Pan...”

A primeira coisa que eu queria dizer pelo testemunho... Falo com muita tranquilidade, porque minha entrada no PAN é de janeiro para cá... Esse é um processo que vem sendo construído desde 2001, 2002, e, portanto, certamente outros atores têm mais informações para dar, mas eu posso dar um depoimento aqui pelo que eu vi até o presente momento. Na verdade, quando se fala de um aumento de gastos dos Jogos Pan-Americanos além do previsto... E quero repetir, o que vou dizer aqui não blinda ninguém, nem exige nenhuma das intervenções de uma completa fiscalização, transparência dos órgãos de controle, do Parlamento, para observar se ali houve ou não houve algum tipo de desvio de conduta. Mas o fato é que o Rio de Janeiro, quando se tomou a decisão de fazer os Jogos Pan-Americanos, o que se tinha ali era uma decisão de Jogos Pan-Americanos de um determinado tamanho. E nós tivemos – vou usar aqui uma expressão inglesa – um *upgrade* enorme nos Jogos Pan-Americanos ao longo desses anos. Foi um processo iniciado pela Prefeitura, basicamente, a Prefeitura conduzindo sozinha os Jogos Pan-Americanos. O Governo Federal entrou mais recentemente, de cabeça. Hoje o maior financiador dos Jogos Pan-Americanos é o Governo Federal. Falo aqui também com a imparcialidade de quem esteve esse tempo todo na atividade pública fazendo oposição ao Governo Federal. Mas é fantástica a sua dedicação aos Jogos Pan-Americanos. E o Estado, dos três níveis de governo, com uma participação menor, mas também investindo muito mais do que se previa originalmente, e, a partir da entrada do Governador Sérgio Cabral, com uma participação efetiva e ativa, aliás, chamaria até de resolutiva, das pendências existentes em relação aos Jogos Pan-Americanos.

Acho que o desafio, Vereadora Patricia Amorim – para concluir mesmo – é que se coloque diante de todos nós o fato de que o Rio de Janeiro vai estar dotado de equipamentos esportivos fantásticos, prontos para tocar o grande negócio que é o esporte. O negócio dos eventos, que é uma das vocações naturais da nossa cidade. Vamos olhar para 2014, 2016... Temos todas as condições, aqui no Rio de Janeiro, de sediar todo tipo de grande evento. Enfim, arenas multiuso fantásticas! A arena multiuso do Autódromo de Jacarepaguá é um espetáculo! A arena multiuso do Maracanãzinho é de primeiríssimo mundo! Então, nós temos equipamentos fantásticos para cumprir com uma das vocações

do Rio. Mas o nosso grande desafio vai ser, nesse pós-Jogos Pan-Americanos, observar esse legado desportivo na formação de atletas.

E aí é que eu acho que vai depender de um esforço conjunto muito grande nos três níveis de governo para que possamos conduzir isso.

O Estado já começa a discutir alguma proposta de linha de bolsa para atletas e técnicos. Aliás, a nossa inspiradora foi a Vereadora Patrícia Amorim, nesse programa, olhando para as pessoas iniciando a sua vida esportiva, enfim, fugindo, nesse primeiro momento, dos que têm uma carreira mais consolidada, e olhando principalmente para aqueles que estão emergindo. É fundamental que essas ações possam ser integradas entre os três níveis de governo.

Portanto, eu queria deixar aqui essas palavras. O Subsecretário Fernando está aqui presente, e eu peço a ele, se possível, para que me substitua aqui – vou ficar mais um pouco. Quero agradecer a oportunidade e me colocar à disposição sempre junto ao Município para atender os pleitos do Parlamento.

Muito obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) - Agradecemos a presença de todos e registramos a presença do Sr. Marco Antônio Scovino, Secretário de Controle Externo do Tribunal de Contas do Município. Muito obrigada, por sua presença constante nesta Casa de Leis. É sempre um privilégio tê-lo em nossas Audiências Públicas.

Antes de chamar o próximo orador, para fazer a sua exposição e os seus questionamentos, eu queria dizer o seguinte: às vezes, pode parecer ao Executivo que é confortável para o legislador ficar criticando, não apresentar sugestões, o que é um pouco chato. O nosso papel é representar – somos 50 – um número grande de moradores da cidade, então, a demanda, realmente, é grande; e o nosso papel não é só o de fiscalizar e sugerir, mas também de abrir esse espaço.

Então, às vezes pode parecer que é muito confortável para nós criticarmos, mas não é a intenção desta Audiência Pública. Criticar, sim, de repente, o modelo, ou a falta de intenção de estar no Plano Diretor; mas, sobretudo, apresentar propostas cabíveis, exequíveis e eficazes, para que não percamos tempo. Então, nesse sentido, propomos essas Audiências Públicas.

Eu, como professora de Educação Física, queria também fazer um pedido – não é uma pergunta, mas um pedido: que a Prefeitura, que o Poder Executivo tenham o cuidado de, na ocupação desses programas para os projetos esportivos e também, já que o Estadual está presente –, de contemplar os professores de Educação Física. Logicamente entendemos que nas comunidades existem pessoas que fazem trabalhos de esportes, que são considerados monitores e não têm a formação acadêmica – indispensável para um bom trabalho –, mas que pessoas sejam qualificadas, ou que se busque essa qualificação, ou que se busque essa representatividade.

Em inúmeros Projetos de Lei que apresentei, e foram vetados, procurei que se buscasse – e também que tenhamos o cuidado de não fazer uma escolha política de ocupação dessas Vilas Olímpicas em projetos sociais – a abertura de projetos de concursos públicos para a ocupação das Vilas Olímpicas.

O Prefeito, numa atitude muito sensata há alguns anos, abriu concurso público para pré-escola. Eu entendi que ele observa e entende que a Educação Física escolar é imprescindível numa boa educação. A partir daí, seria importante que essa escolha fosse através de concurso público.

Mais do que a preocupação de se ter uma Vila Olímpica, ao lado de uma escola, por exemplo, eu sei que essa preocupação existe: que não haja quadras esportivas. Mais do que isso: que, na ocupação desse espaço, que é um espaço conquistado, que os professores de Educação Física fossem preservados, orientados, prestigiados, contemplados pelo Município – isso é um pedido.

Dessa forma, teríamos o fomento do esporte – e aí poderemos falar através da inclusão, da formação e até do auto-rendimento, porque essas pessoas, sim, são qualificadas para fazer a detecção de talentos e a formação desses jovens e também o encaminhamento devido. Aí, sim, acredito, teríamos uma política de esporte efetiva.

Para fazer uso da palavra, eu queria convidar o Sr. Sérgio Sartori, representante do Conselho Federal de Educação Física.

O SR. SÉRGIO SARTORI – Bom-dia.

Em primeiro lugar, quero parabenizar a Sra. Vereadora Patricia Amorim, pela iniciativa; parabenizar, também, a Comissão, pelo reconhecimento do trabalho.

Quero congratular-me com os componentes da Mesa, Sr. Secretário Estadual Eduardo Paes; Sr. Secretário Municipal Gustavo Coimbra Coelho Cintra; Sra. Diretora do Departamento de Políticas Sociais de Esportes e Lazer do Ministério do Esporte, Andréa Nascimento; nosso Diretor de Esportes do Comitê Olímpico Brasileiro, Prof. Agberto Guimarães e, acompanhando a Presidência da Mesa, Sr. Vereador Rogério Bittar e o Sr. Vereador Nadinho de Rio das Pedras.

Na qualidade de representante do Conselho Federal de Educação Física, fico muito à vontade para falar depois da manifestação da nossa Vereadora, ao reconhecer que não há projetos so-ciais de qualidade que venham intervir na área do esporte e lazer, sem a presença do profissional de Educação Física.

Nesse sentido, sendo bem resumido em minha fala, eu já tinha feito um destaque, identificando que a preocupação desta Audiência, a preocupação que o Plano Diretor do Município está levando à frente, não é somente a definição do espaço público. Esse, de certa maneira, está sendo bem assimilado na cultura da população, à medida que ela, cada vez mais, tem praticado a atividade física, o esporte e o lazer. Entretanto, a intervenção para um projeto de qualidade, às vezes, tem deixado a desejar porque nem sempre os executivos têm assumido que este espaço deva ser dinamizado, ministrado pelo profissional de Educação Física. Talvez haja alguma dificuldade de natureza econômica, administrativa, mas que, sendo estudada previamente, como está sendo agora a questão do Plano Diretor, isso será bem revisto pelo Poder Público.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Para fazer uso da palavra, eu convido a Sra. Ieda Botelho, representando a Federação de Ciclismo da Cidade do Rio de Janeiro.



A SRA. IEDA BOTELHO – Bom-dia a todos.

Agradeço o convite da Vereadora Patricia Amorim; aproveito para parabenizá-la pela iniciativa.

Acho que realmente é um momento determinante para decidirmos algumas situações importantes sobre o esporte. Como Presidente da Federação de Ciclismo, venho aqui um pouco falar do meu esporte. Mas, de um modo geral, eu acho que o tema principal é a educação. Acho que o esporte, acima de tudo, tem que estar aliado à educação. Vejo isso como prioridade absoluta e imediata. No pós-PAN, vamos ter no caso do ciclismo a extração do velódromo. Conversei, inclusive, com o Secretário Gustavo Cintra, para a gente fazer um trabalho, somando estas forças de educação e esporte. Vamos ter um espaço grande para trabalhar várias iniciativas, de várias modalidades esportivas que podem se somar. Judô, xadrez, tênis de mesa, além do ciclismo, podem ser usados.

Fora isso, temos a parte de preparação e capacitação profissional desses, no caso, futuros profissionais, com respeito ao velódromo.

Podemos criar centros de treinamento, cursos, especificamente, voltados para o ciclismo. Estou falando do ciclismo, que é a área que eu conheço mais. Mas devo referir-me à dificuldade que a gente tem de encontrar profissionais, até preparadores físicos, treinadores, nutricionistas, voltados para essa área, profissionais de um modo geral. Isso é um leque de possibilidades. E eu vejo isso como uma coisa importante para a gente cuidar.

E outra coisa, em relação ao ciclismo, especificamente quando a gente fala de área pública, a bicicleta, de um modo geral, é muito mais que um meio de transporte: é esporte, é lazer, é uma ferramenta de educação. E eu coloco aqui como sugestão a gente introduzir no ensino, nas escolas, a educação no trânsito. E a bicicleta é uma grande ferramenta, já que é o primeiro veículo.

Então, eu coloco isso como sugestão e coloco a Federação à disposição no que diz respeito a essa parte do ensino. Como eu disse, a educação e o esporte têm que estar unidos, juntos. E mais uma vez agradeço e peço que a gente fique cada vez mais unidos, objetivando a união entre órgãos públicos de ensino e federações, clubes. Acho que esse é o principal caminho que a gente tem que seguir.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Para tornar o uso bastante democrático da palavra, ao logo das Audiências Públicas, havia uma reclamação muito grande de que só os Vereadores falavam, só os componentes da Mesa.

Então, nós estamos fazendo, independentemente da hierarquia de poderes, das autoridades presentes, esse “bate-bola”, um pouquinho da Mesa, um pouquinho das pessoas que estão participando, para tentar democratizar ao máximo a palavra.

Nesse momento, com a palavra, o Sr. Secretário Municipal de Esportes e Lazer, Gustavo Cintra.

(PALMAS)

O SR. SECRETÁRIO GUSTAVO CINTRA – Bom dia a todos. Bom dia, Senhora Presidente, Vereadora Patricia Amorim, pela qual tenho um grande apreço e a qual respeito como Vereadora e desportista, como amante e defensora do esporte. Bom dia, Vice-Presidente, Vereador Nadinho de Rio das Pedras, um grande amigo, um grande colaborador do esporte, principalmente, quando se trata de um esporte de inserção social. Bom dia, Sr. Vogal, Vereador Rogério Bittar, a quem tive o prazer de conhecer também recentemente, eu não sabia que V. Exa. estava na Comissão, é uma alegria muito grande ter esse conhecimento. Bom dia demais membros da Mesa, Sra. Andréa, Sr. Agberto Guimarães, Sr. Sérgio Sartori, demais presentes, Ieda, grande amiga e colaboradora, Sérgio Tavares, pelo qual tenho o maior respeito pelo conhecimento na área de esporte, que é fantástico.

Bom, eu passei aqui para a Vereadora Patricia Amorim, porque acho que o importante é a gente ter um diálogo. Apesar de estarmos reunidos para tratar do Plano Diretor, acho que estão surgindo uma série de outras discussões, não especificamente referentes ao Plano Diretor; e aí, Vereadora, eu até estaria me disponibilizando para que a gente pudesse realizar um outro fórum de discussões a respeito do esporte, onde juntos pudéssemos buscar soluções para essas questões que foram levantadas e a que vou responder agora. Algumas podem surgir em seguida, mas acho que são fundamentais e não estarão inseridas no Plano Diretor. Porque, como V. Exa. falou, o Plano Diretor é uma questão mais urbanística, mais de utilização e planejamento. E estamos tratando de outras questões de metodologia e de legislação que são importantíssimas. E a Secretaria Municipal de Esportes e Lazer está aberta para ouvir as sugestões, junto com a Câmara de Vereadores. Acho que, juntando o Poder Legislativo com o Executivo, e todos aqueles que participam da área do esporte, é que vamos conseguir crescer bastante.

Queria dar algumas respostas e alguns esclarecimentos, mas a respeito do Plano Diretor, acho que a Vereadora Patricia Amorim está coberta de razão. Não ter uma linha no Plano Diretor que trate de esporte é um equívoco. Pretendo colaborar no que for possível para que possam ser feitas emendas e que conste do Plano Diretor o esporte. Porque o esporte hoje, especificamente hoje, a 77 dias do Pan-Americano, e no mundo de hoje, o esporte tem uma importância enorme. O esporte é que gera grandes negócios, que acelera a economia, como minha amiga Ieda falou, o esporte tem uma função fundamental, principalmente num país como o Brasil, um país em desenvolvimento, ainda. É uma função de inserção social; através do esporte temos obtido resultados fantásticos, resultados que têm gratificado muito todo nosso desempenho. E acho que é uma ação conjunta. Então concordo com a senhora, temos que rever isso.

Agora, o Município do Rio de Janeiro tem trabalhado. Até como o Secretário Eduardo Paes citou aqui, o Plano Diretor já está um pouco atrasado. E a Cidade do Rio de Janeiro, o Município, já tem, pelo seu Executivo, feito um planejamento que no meu entender é muito bom em termos de espaçamento de atuação do esporte. Até antes que a Vereadora faça a crítica, vou me antecipar a ela. Na gestão do Prefeito Cesar Maia, de 2001 para cá, foi implantado um projeto grande de Vilas Olímpicas. E toda formatação desse projeto posso

atribuir ao Prof. Sérgio Tavares, que foi um grande colaborador. E por razões outras se desligou da Secretaria. Mas esse projeto vem de uma linhagem teórica muito boa e muito importante. E todos os projetos sócioesportivos estão muito bem distribuídos ao longo do que a gente chamava de áreas com IDH mais baixo. A Secretaria tem dado uma grande contribuição, junto com esta Casam e cito o Vereador Nadinho de Rio das Pedras, que semanalmente vai à Secretaria de Esportes e Lazer me puxar a orelha, pedindo para prestar atenção nisso, naquilo... Inclusive a Secretaria de Esportes e Lazer, hoje, está localizada perto do complexo esportivo que encontra-se em fase final de construção, e foi o Vereador Nadinho de Rio das Pedras que me chamou a atenção para a existência de um prédio público naquela proximidade e que a Secretaria devia ir para lá. Logo em seguida, S. Exa., numa visita às obras, sugeriu ao Prefeito Cesar Maia que o local deveria se chamar Cidade dos Esportes, e assim está sendo denominado todo aquele complexo do autódromo.

Antes que a Vereadora me chame a atenção para isso, a Secretaria de Esportes vem trabalhando nos últimos seis anos, com grande empenho, nessa questão da iniciação esportiva, aproveitando esse maravilhoso veículo do esporte como isenção social. Acho fundamental ter um planejamento, há que ter uma seqüência, e é nessa seqüência que estamos agora fazendo um investimento nunca feito na Cidade do Rio de Janeiro para o esporte de alto desempenho. Eu diria a todos os participantes que não tive o prazer ainda de conhecer a todos, mas queria citar o exemplo da Presidente da Federação de Ciclismo que acompanha isso quase que diariamente, não é? Ela é apaixonada pela idéia do velódromo. Seria feito um velódromo provisório, só para Jogos Pan-Americanos. Porém, ela reuniu a equipe toda, todos os atletas que administram a federação, foram ao Prefeito Cesar Maia, bateram várias vezes na mesa e o Prefeito disse: “Não vamos fazer um provisório. Vamos fazer um definitivo”. E está sendo feito. Ontem o Prefeito estava na reunião de secretariado e disse: “A professora Ieda insistiu e me convenceu. Trouxe números demonstrando que ciclismo é um esporte com potencial imenso que após os Jogos Pan-Americanos ele vai explodir”. Então, temos que fazer um velódromo de última geração, e assim está sendo feita a pista do velódromo que, por sinal, está vindo da Holanda, de última geração. E como falávamos no início da semana, existe ainda muito mais. Não adianta estar lá o velódromo, com a pista de última geração, pois existem ainda detalhes que vão ter que ser elaborados e a Ieda ainda não largou a corda. Pelo contrário, acho que caminhamos para que a Federação possa administrar. Ela está trabalhando de um lado, nós estamos trabalhando do outro, somando essas energias.

Acho que qualquer barco que não tem um plano traçado vaga a esmo pelo oceano. Vereadora, acho que devemos nos preocupar com o Plano Diretor, justamente para direcionar para aonde vai o esporte, e hoje sou Secretário dos Esportes, na semana que vem posso não ser, mas com certeza, a partir de janeiro de 2009, o Prefeito Cesar Maia não será mais o Prefeito da Cidade do Rio de Janeiro. Não sabemos quem será o sucessor, mas seria muito bom que nós já deixássemos um caminho traçado, metas, um planejamento a ser cumprido para que o esporte não perca essa grande oportunidade que já estamos vivendo, e tudo indica que chegaremos ao ápice em 13 de julho, na abertura dos Jogos Pan-

Americanos. E que a Cidade do Rio de Janeiro não perca a oportunidade de crescer imensamente na questão esportiva.

Respondendo a algumas perguntas, rapidamente: primeiro, gostaria de dizer que, hoje, só 60% das escolas municipais têm quadras de esportes. Isso satisfaz? Não, isso não satisfaz porque gostaríamos que todas possuíssem. Só que a rede municipal de ensino tem ainda prédios que vêm da época do Império, onde funcionam as escolas. Então, existe uma série de detalhes que às vezes não podem ser atendidos. Mas a Secretaria de Educação fez um planejamento e ontem eu até assisti a esse planejamento com a empresa Rio-Urbe, que atende a todas as Secretarias na questão de planejamento, projeto e obra. E ela já tem oito tipos de quadras diferentes, de adaptações, e tem crescido bastante o número de quadras feitas nas escolas. Agora, esse número, apesar de não ser 100%, é infinitamente maior do que nos outros municípios do Brasil.

Em relação à questão do professor de Educação Física, concordo totalmente. Em todas as Vilas Olímpicas, independente dos professores não serem todos concursados, eles são todos professores de Educação Física, obrigatoriamente. Se não for professor de Educação Física e, detalhe, se não for filiado ao Crefi, não pode dar aula. Todos os coordenadores das Vilas têm esse dever e o professor formado ainda não filiado ao Crefi tem que se filiar para desenvolver. Abrimos exceções, já em um acordo passado com o Crefi, pois existem situações específicas em comunidades de alto risco. Ali é difícil o acesso para o professor de Educação Física, então o próprio Crefi fez curso de capacitação, junto com a Secretaria de Esportes, para capacitar agentes comunitários para fazer atividades esportivas lúdicas, a fim de que as crianças que vivem em comunidades de alto risco não fiquem excluídas, sem atendimento.

Já existe na Secretaria Municipal de Esportes e Lazer, e já foi enviado para a Secretaria de Administração, um processo para fazer o concurso público. Porque eu acredito que o Município do Rio de Janeiro deveria utilizar como equipamento permanente as Vilas Olímpicas. Todas elas são de grande sucesso, é o projeto que mais tem apresentado resultados no município. E como escolas públicas, as Vilas Olímpicas deveriam ser permanentes nos próximos governos. Hoje o que nós temos é um quadro de servidores nas Vilas, mas para que possamos ter um bom atendimento, para complementar, nós temos ainda que fazer uma contratação de professores de Educação Física, que são feitas através da co-gestão com universidades. Hoje, as universidades têm co-gestão com as Vilas Olímpicas na Prefeitura, porque as universidades podem e têm essa finalidade de desenvolver pesquisa e curso de extensão. Temos a PUC, a Castelo Branco, a Simonsen, Moacyr Bastos, uma série de universidades que trabalham em co-gestão com a Secretaria Municipal de Esportes. E agora também nos novos equipamentos que serão inaugurados. Cito, por exemplo, o Parque Aquático Maria Lenk, temos uma denominação da Faculdade Carioca de Esportes Aquáticos. Nós já estamos também elaborando uma co-gestão com a Castelo Branco ou com a Suam, mas estamos andando bastante no sentido de fazer uma co-gestão com a Faculdade Castelo Branco para um trabalho naquele parque de desenvolvimento do esporte de alto rendimento.

Por fim, eu queria agradecer a oportunidade de estar aqui e me colocar à disposição de todos os senhores e dar essa sugestão, Vereadora, junto ao

Vereador Nadinho de Rio das Pedras e Vereador Rogério Bittar, se me convidarem novamente, ou por esta Casa, ou se V. Exa. nos der a honra de sua visita na Secretaria de Esportes. Nós temos um auditório lá, onde nós podemos abrir um fórum de debates no sentido de trazer idéias e críticas, o que está errado, o que está certo, para onde devemos caminhar, porque aí eu acho que nós vamos crescer bastante. O esporte do município, principalmente nossas crianças, nossos jovens portadores de deficiência, os idosos e nós mesmos sairemos vencedores nesta batalha.

Obrigado a todos.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) - Obrigada, Secretário, pela sua presença e participação. Agradecemos a sua colaboração. Gostaríamos de pedir que fosse encaminhado para a Comissão esse estudo da Secretaria de Educação, que foi convidada também a participar desta Audiência Pública. E já aceitamos, então, o convite de fazer mais uma discussão que dê continuidade a esta discussão do Plano Diretor lá na Secretaria de Esportes.

Aceitamos de bom grado.

O SR. SECRETÁRIO GUSTAVO CINTRA - Eu disse não em relação ao Plano Diretor. Eu acho que a gente está discutindo aqui e vai discutir quantas vezes V. Exa. quiser, mas temos de abrir esse Debate com o Legislativo que se interesse pela área do esporte, com os representantes do esporte sobre outras questões. Não vamos ficar presos ao Plano Diretor, nós podemos programar uma vez por mês, ou bimestralmente, ou trimestralmente. É uma data a ser acertada, junto com a Secretaria Estadual também, para a gente poder unificar essas políticas e chamar todos para discutir outros assuntos - questão de Vila Olímpica, etc. Está certo ou não está certo? Eu acho que é engrandecedor.

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) - Sem dúvida nenhuma.

Eu gostaria de registrar a presença do Presidente de Associação de Moradores da Muzema, Sr. Sandro de Moura. E também agradecer a presença do Vereador Prof. Célio Lupparelli.

Para fazer uso da palavra, eu chamo à Tribuna, o Sr. Alaor Gaspar Pinto Azevedo, Presidente de Confederação Brasileira de Tênis de Mesa.

O SR. ALAOR GASPAS PINTO DE AZEVEDO - Excelentíssima Vereadora Patricia Amorim, Vereador Nadinho de Rio das Pedras, Vereador Rogério Bittar, Fernando, Gustavo, Agberto, Sartori, distintos colegas de Federações, representantes de Associações de Moradores: eu queria iniciar as minhas palavras cumprimentando o povo do Rio de Janeiro. Não é comum ter uma Vereadora com a qualidade e a categoria da Vereadora Patricia Amorim em qualquer Legislativo, seja municipal, estadual ou federal.

Normalmente, no Brasil, quando a pessoa é eleita e é do segmento do esporte, ela vem do futebol. Então, a Vereadora Patricia Amorim é uma exceção à regra - uma grata exceção, uma feliz exceção à regra. Como diz o nosso Vice-Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, ela é do ramo. Ela não está aqui falando do esporte sem conhecer, ela conhece. Uma nadadora olímpica de alto

nível. Então, ela fala do esporte com grande categoria. Então, nesta Câmara, onde estão representados os diversos segmentos, eu gostaria de cumprimentar o povo do Rio de Janeiro por eleger uma Vereadora desse porte, que está levando o esporte a crescer.

Essa reunião, hoje, de certa forma, trata de um dos segmentos de qualquer negócio ou de qualquer categoria. Em qualquer negócio ou qualquer atividade, a gente pode analisar tranqüilamente a estrutura, que é o que a gente está falando hoje, que é o Plano Diretor, processos e resultados. É claro que, sem estrutura, você não vai ter processo e não vai ter resultado. Se não tem estrutura e não tem processo, não tem resultado. Então, de certa forma - e o Gustavo foi muito feliz em convidar para que se estenda essa reunião de hoje -, nós vamos falar de estrutura. Do ponto de vista estrutural, vamos dividir o esporte novamente em três áreas, que o Tubino dividiu muito bem há alguns anos: o esporte participação, o esporte educação e o esporte de alto rendimento. Acredito que, no caso do esporte participação, o Rio de Janeiro está muito bem. As Vilas Olímpicas são um projeto de sucesso reconhecido internacionalmente, felizmente colocado nas áreas de IDH baixo, e não tenho muito o que acrescentar ao projeto de participação.

O que temos que aprimorar no Rio de Janeiro - que é uma cidade que está organizando os Jogos Pan-Americanos, com investimentos que, dizem, variam de três a cinco bilhões de reais - é a integração do esporte social ao esporte de alto rendimento e ao esporte educação. Aí eu acho que o Rio de Janeiro tem muito o que fazer.

Existe uma noção na política de que - Vereadora Patricia Amorim, você é uma exceção, você é um fenômeno -, só quem dá voto para Vereador e Deputado é o esporte social. Alguns Vereadores, que passaram por esta Casa, investiram no esporte e tiveram grande dificuldade de se reeleger e chegaram à conclusão de que o esporte não dá voto, o que dá voto é o esporte social. Isso tem sido feito no Rio de Janeiro, como já disse. O que precisa, Gustavo - você já disse e não vou repetir -, é a integração entre as três áreas. Eu sou médico da Secretaria Municipal de Saúde, e na Saúde acontece o mesmo fenômeno. O Rio de Janeiro gasta, contando as esferas municipal, estadual e federal, qualquer coisa em torno de cinco ou seis bilhões de reais. Daria para cada cidadão do Estado do Rio de Janeiro ter um plano de saúde dos melhores do Rio de Janeiro. Se fechássemos todos os hospitais públicos e pegássemos o recurso investido pelo município, pelo estado e pela área federal, cada cidadão, cada um de nós poderia ter um plano na faixa de R\$ 150,00 por mês, que é mais ou menos um plano de saúde de médio porte - uma Unimed, por exemplo. Na Saúde, então, é a mesma coisa. O Eduardo deu uma notícia muito boa de que o Segundo Tempo virá para a administração estadual e vai poder haver a sinergia. Nós somos uma cidade pobre e usamos mal os nossos recursos.

Quero deixar aqui registrado, Vereadora Patricia Amorim, que você pode contar com a Confederação. Eu tenho uma certa experiência em sinergia de sistemas. Acabei de chegar de Barcelona. A propósito de um financiamento do Ministério da Saúde, levamos as 12 Prefeituras da Baixada Fluminense - sete Prefeitos, e as Prefeituras que não foram, mandaram seus Secretários de Saúde - para conhecer o sistema de saúde da Catalunha. Lá não há desperdício de recursos. O doente não vai no hospital de emergência, já que ele tem um posto

de saúde funcionando. O Rio de Janeiro sabe, todos aqui sabem, principalmente os Presidentes de Associações de Moradores, da dificuldade de atendimento nos postos, nos centros de saúde. Na Barra, falando especificamente, a pessoa acaba batendo no Lourenço Jorge, porque lá, apesar de ter que esperar quatro, cinco, seis, oito horas, acaba sendo atendida, enquanto que nos postos de saúde pode não ser atendida.

O que tem que ser feito no esporte - e você está sendo feliz, porque a saúde infelizmente não tem isso - é exatamente essa integração, para ter o esporte nas Vilas Olímpicas, os centros de alto rendimento, os talentos nas escolas. O Gustavo me fez a promessa de que a área que era da Souza Cruz, ali na Usina, poderá ser centro de treinamento. Os talentos que serão detectados nas diversas Vilas Olímpicas seriam encaminhados para os centros de alto rendimento e estaríamos com um ciclo completo. Essa notícia que você deu de que vai ter quadras... Quero dizer que, em termos de tênis de mesa, eu vou fazer a minha propaganda, porque a Presidente de Ciclismo está na nossa frente - é a mais brilhante propagandista do seu esporte: parabéns por isso. Nós podemos colocar uma mesa em cada escola a um custo mais barato que uma quadra. Já lhe mandei esse projeto e estou à sua disposição para discutir com a Secretária de Educação. Uma mesa hoje custa R\$ 150,00. O Rio tem mais ou menos 1.100 escolas municipais, e podemos colocar tranqüilamente uma mesa em cada. Estou à disposição para que, enquanto esses oito tipos de quadras não saem, possamos fazer isso.

Eu acho, Gustavo, que no Pan-Americano que vem aí, houve um investimento muito alto em instalações, o social está contemplado, enfim, mas o que precisamos ter agora é uma política de esportes para o Município do Rio de Janeiro. Eu não tenho dúvida de que a candidatura para 2016 será vitoriosa, acho que estamos no caminho certo, mas precisamos que o Rio de Janeiro não só seja a sede de grandes eventos esportivos, mas que seja sede, palco ou cidade de grandes campeões olímpicos, senão vamos fazer Pan-Americano e Jogos Olímpicos para paulista vir comemorar, embora eu não tenha nada contra São Paulo. Aliás, eu sou mineiro e então posso falar à vontade.

Nenhuma cidade olímpica (Barcelona ou Beijing agora) pode ter um projeto para fazer grandes eventos sem ter uma base, sem ter um centro de campeões. Não faz nenhum sentido você ter toda essa estrutura fantástica, gastar de três a cinco bilhões (os números são divergentes até o momento, e certamente só saberemos ao final dos Jogos Pan-Americanos) e termos que bater palmas para atletas de outros estados, que não foram formados no Rio de Janeiro. O que eu estou dizendo - é claro que são todos brasileiros - é que precisamos ter aqui a formação de campeões. Nós temos estrutura, mas temos que ter um processo para a formação de campeões.

Era o que eu tinha a dizer. Estou à disposição, acho que tem que ser feita uma linha de base, um diagnóstico do que está acontecendo. No ciclismo, por exemplo, está sendo investido "x". O que vai acontecer daqui a quatro anos? O que aconteceu? Houve resultados e quais foram eles? Tudo tem que ser medido, transparente. Esta é uma obrigação da Câmara Municipal, as intervenções têm que gerar resultados. Espero voltar aqui e ouvir: "Depois daquela Audiência Pública, nós passamos a fazer isso, e os resultados são esses. Hoje temos 10 mil praticantes de ciclismo no Rio de Janeiro e com esse velódromo teremos 50

mil”. Então, aquele dinheiro do imposto que todos nós pagamos foi bem utilizado, justificou-se o seu uso. Esta é a missão da Câmara de Vereadores.

Obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) - Gostaria de lembrar a todos que já são 11h40 e solicitar que sejamos bem objetivos nas nossas explicações.

Gostaria de agradecer ao Vereador Nadinho de Rio das Pedras, que, entendendo minha solicitação, abriu mão de fazer uso da palavra.

Ouviremos, agora, então, o Vereador Rogério Bittar.

Enquanto o mesmo se encaminha à Tribuna, gostaria de agradecer a presença da Vereadora Silvia Pontes.

O SR. VEREADOR ROGÉRIO BITTAR - Bom dia a todos. Eu, primeiramente, agradeço a iniciativa e confesso o quanto admiro a Vereadora Patricia Amorim, na Presidência da Comissão Permanente de Esportes e Lazer. Ela tem sido uma grande amiga, uma grande aliada, com a qual tenho buscado aprender mais a cada dia sobre o mundo dos esportes, que ela representa muito bem dentro desta Casa. Para mim, é uma honra fazer parte desta Comissão e dizer que tenho aprendido muito a seu lado. Parabéns, Vereadora Patricia Amorim, extensivos a todas as autoridades aqui presentes.

Primeiramente, eu quero aqui louvar a presença do Secretário Gustavo Cintra, da Secretaria de Esportes do Município, pois a gente sente pouco a presença do Executivo Municipal aqui nesta Casa, principalmente no Debate com relação à questão do Plano Diretor. Então, queria parabenizar o Gustavo pela presença e, ao mesmo tempo, por falar em Plano Diretor, meu ponto de vista dentro do Plano é no sentido de que possamos amarrar ainda mais a questão do esporte dentro das escolas, porque esses aparelhos, como Vilas Olímpicas, são aparelhos políticos e muitas vezes não terão prosseguimento em outras Administrações Municipais, como a gente tem visto. E também podemos perceber que na Administração do atual Prefeito, que ultrapassa uma década, não temos formado campeões, como nosso caro amigo falou anteriormente. O Rio de Janeiro, no Pan-Americano de 2007, vai ter a menor participação da história do Pan-Americano, com menos de 10% de atletas oriundos da nossa cidade. Ou seja, as Políticas Públicas não têm sido eficientes nesse sentido. Há uma falha muito grande.

Então, que a gente possa cada vez mais atrelar esta discussão ao Plano Diretor porque, do meu ponto de vista, a educação tem que andar ao lado da prática dos esportes. Tenho isso como experiência pessoal. Estudei no Colégio Pentágono da 5ª série ao 3º ano, e tive dentro da escola, uma escola particular, muito incentivo através de campeonatos como a Copa Dan’Up. Fiz basquete, handebol. Tenho certeza de que podemos atrelar mais. Assusta-me um dado como esse: quase metade das escolas ainda não tem quadras esportivas. Esse é um dado assustador, principalmente em uma Prefeitura que não tem planejamento. Falar de planejamento, Sr. Secretário, é muito complicado. O que temos visto é exatamente a falta de planejamento.



O senhor falou que não sabia que eu estava na Comissão de Esportes e Lazer. Isso mostra também como o projeto do Plano Diretor é encaminhado pelo Executivo Municipal. Se hoje o projeto não tem representação, não tem nada que valorize o esporte na nossa cidade, a culpa é de vocês. Vocês enviaram esse projeto para apresentarmos Emendas. Sabemos da importância do corpo técnico da Prefeitura na elaboração do Plano Diretor, mas o diálogo não tem acontecido. Se isto o assusta, fico mais assustado ainda pela falta de conhecimento nesse sentido. Dizer que o Plano Diretor falha nesse ponto é fazer uma autocrítica. Vamos, através dessas Audiências Públicas, buscar fazer Emendas ao Plano Diretor que valorizem e incentivem a prática do esporte.

Voltando à questão das Vilas Olímpicas, quero dizer também que a Política Pública tem sido cada vez mais partidarizada. Isso é muito ruim para nossa cidade. Não só não se formam campeões como se perde um dinheiro público, um dinheiro do contribuinte. Muitas vezes essas vilas acabam sendo indicações... Por exemplo, a gente sabe que acontece muitas vezes, acabam sendo indicações. E efetivamente não há prática do esporte, não se formam campeões. Isso não se aplica apenas às Vilas Olímpicas como a outros campos do Município do Rio de Janeiro.

Sobre planejamento, também é estranho. O Engenhão, no contrato assinado em 2002 pela Odepa com o Prefeito Cesar Maia e o Ministro, deveria, no prazo de 90 dias estar pronto. Esse foi o direcionamento do Secretário. Ele veio aqui falar sobre as realizações da Prefeitura, quando o intuito era falar sobre o Plano Diretor. Então, tomo a liberdade de falar sobre o Engenhão. No Engenhão, hoje, gasta-se muito dinheiro, não está pronto e não há planejamento futuro. Ou seja, quando acabar o Pan-Americano, não se saberá o que fazer com aquele mundo de concreto e aço. Por quê? Porque não houve um diálogo com os clubes. Há clubes do município que não têm arenas, mas não houve esse diálogo por parte do Poder Público com esses clubes para que eles possam assumir posteriormente.

Então, agora, até à toque de caixa está se fazendo uma licitação. Eu fico muito assustado, porque, por exemplo, pode ser uma Licitação como foi a do Riocentro, que a gente sabe que é uma Licitação que começou com R\$ 50 milhões, e no final se deu a concessão por 50 anos por apenas R\$ 1 milhão... Então, foi uma privatização! Então, me assusta essa questão da falta de planejamento, como vai se fazer com esse equipamento posteriormente, quando o Sr. Ricardo Teixeira, da CBF, diz que o Engenhão já está fora da Copa do Mundo... Eu não acredito que vai haver uma parceria público-privada, que os empresários vão assumir aquela estrutura, uma vez que todos querem continuar jogando no Maracanã.

Então, qual vai ser o destino? Confesso que era importante, sim, se ter o Engenhão, porque um estádio, uma arena de 45 mil, um público de 45 mil era importante para a cidade. Mas. Mais importante, Sr. Secretário, é se ter um planejamento para que aquela estrutura amanhã não vire uma igreja, não vire um palco de shows mas, efetivamente, um espaço onde a prática de esporte tenha continuidade, e que a gente tenha retorno desse dinheiro investido, porque é muito dinheiro que está sendo investido ali! São 10 vezes mais o previsto! Isso quer dizer que a gente está pagando muito! E a mim é estranho esses atrasos das obras, porque, cada vez mais, quando se atrasa uma obra, se dispensa licitação,

porque se torna uma obra emergencial. E isso daí, se torna perigoso, porque a gente paga mais caro...

A gente não sabe como isso é feito...

Então, é nesse sentido que a gente tem que realmente fiscalizar, cobrar maior participação do Poder Público, que mais uma vez eu digo, o carioca está sendo muito prejudicado! A gente tem perdido e tem sido esvaziado muito, principalmente para São Paulo.

Muito obrigado, Sra. Presidente!

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Gostaria de registrar a presença do Subsecretário de Esportes, Lazer e Turismo do Estado, o Sr. Fernando Sihman.

Queria também registrar aos presentes que a Secretaria de Urbanismo em todas as Audiências Públicas que se discutiu o Plano Diretor esteve presente.

Para fazer uso da palavra nesse momento, convidaria o Sr. Professor Agberto Guimarães, que é o Diretor de Esportes do Comitê Olímpico Brasileiro.

O SR. PROFESSOR AGBERTO GUIMARÃES – Bom dia, Vereadora Patricia Amorim!

Eu vou quebrar o protocolo e vou tratá-la só por Patricia, porque a gente é colega de tantos anos que acho que vale a pena se tratar informalmente. Em seu nome, gostaria de cumprimentar todos os outros componentes da Mesa e agradecer pelo convite. É uma honra poder estar aqui junto com vocês. E mais ainda, é uma honra poder participar dos Jogos Pan-Americanos.

Eu ouvi todas as discussões até agora e obviamente, como sou um estrangeiro aqui no Rio de Janeiro, sou paraense, então, acho que posso falar com um pouco de isenção em relação a todas essas coisas.

Gostaria de abordar alguns pontos. Todo mundo falou com relação à capacitação de profissionais de Educação Física, que sem esses profissionais a gente, sem dúvida nenhuma, não dá um passo adiante... Concordo 100% com isso! Se vocês puxarem um pouco pela memória, vocês vão ver ou perceber que o Brasil, na área de esportes de alto rendimento, deu um salto de qualidade muito grande, quando na década de 70, 80, o SEED, na época era SEED-MEC fez um convênio com algumas universidades européias, mais precisamente da Alemanha, onde técnicos brasileiros iam fazer estágios nessas universidades e voltavam capacitados para trabalhar com iniciação e esporte de alto rendimento. Foi a partir daí que o Brasil conseguiu revelar uma série de atletas de talento, e conseguiu lapidar alguns desses talentos e levá-los a competições internacionais e até a Jogos Olímpicos.

Esse é o grande desafio de quem pretende discutir esporte e lazer para consolidá-lo enquanto direito social. É importante esse recorte.

O outro recorte importante a ser feito é, exatamente, da inserção e do direito.

Então, esses são panos de fundo importantes a serem debatidos nessa reflexão, aqui sobre o Plano Diretor.

Dizer que também trazer o esporte e o lazer da sua concepção de meio para a sua concepção de fim, enquanto finalidade, seja parte do interesse das Políticas Públicas discutir o esporte e lazer como finalidade e não como “meio para”, esse é um outro grande desafio desse Debate.

Queria refletir também com vocês, o Ministério do Esporte, em 2004, começou a realizar as Conferências Nacionais de Esporte e Lazer. E trago, aqui, uma contribuição, no sentido de esse Debate refletir, no Debate do Plano Diretor, os quatro eixos que a Conferência apontou para a construção de um sistema, que não podem estar de fora dessa proposição de Emendas para consertar esse equívoco grave de ter deixado de fora do Plano Diretor a dimensão do esporte e lazer.

E discutir estrutura importante, discutir a gestão desta estrutura, a organização desta estrutura, discutir a forma de gestão da estrutura de esporte e lazer neste País, discutir sem dúvida nenhuma a formação dos agentes sociais importantes na implementação dessas políticas. E aí, destacando a importância dos professores de educação física, mas, aí, trazendo à reflexão que se quisermos discutir uma Política Pública de lazer, as dimensões multiprofissional e multidisciplinar precisam estar postas aqui. Temos, sim, os professores como protagonistas desse processo, mas temos que trazer várias outras áreas de atuação e vários outros profissionais, para debater, se a reflexão estiver colocada para além do lazer esportivo, e para si, a reflexão de todos os conteúdos do lazer.

Trouxemos uma contribuição, sistematizada, que já passei para Vereadora e disponibilizo, aí, para todos os interessados. Mas, é fundamental que, ao analisar a situação das instalações esportivas, é que eu trago a contribuição de alguns dados. É fato que no Estado do Rio de Janeiro, 1.311 equipamentos esportivos no interior de Escolas Públicas, no Estado do Rio de Janeiro; dentre esses, 25 são piscinas; 529 são quadras cobertas; 675 são quadras descobertas.

Vocês, muito mais do que eu, sabem de qual universo de escolas nós estamos falando do Rio de Janeiro. Essa pesquisa do IBGE, também citada pela Vereadora, aponta que existe no Estado do Rio de Janeiro 67 ginásios; 22 estádios, dentre eles, nove, sem acesso a pessoas com deficiência, 4 complexos aquáticos; 22 complexos esportivos, 89 quadras; 59 campos de futebol. Esses dados, apenas para dizer o quanto é necessário e emergente a correção desse equívoco de não haver no Plano Diretor um Debate sobre o esporte e o lazer.

Trago também dados importantes quanto à implementação dos equipamentos esportivos com recursos Federais, do Estado do Rio de Janeiro. O Estado do Rio de Janeiro teve de 2003 a 2005 sete operações de repasse de recursos financeiros para obras de escolas, no Estado, e quatro operações em 2006. Mas, esporte e lazer como Política Pública tem que estar para além da escola. Tivemos também o repasse de 116 operações para equipamentos fora da escola, no ano de 2003 a 2005. No ano de 2006, 42 operações de repasse. Em especial, no Município do Rio de Janeiro, tivemos em 2003 um repasse de 500 mil, três repasses, somando cinco milhões, 790 e em 2006, um repasse de 600 mil. Tudo isso não tem sentido se não tiver de fato – mais uma vez destacando a necessidade de discutir isso no Plano Diretor. O que adianta ficar discutindo repasses de recursos ou construção de equipamentos, sem que de fato esta preocupação e esse Debate esteja colocados de forma planejada, de forma

sistemizada e de forma problematizada, enquanto uma Política de Estado. Não só no Estado do Rio de Janeiro, mas no Estado Brasileiro.

Caminhando para a conclusão da minha fala, também quero destacar que o então o Deputado Eduardo Paes e hoje Secretário de Esportes, que precisou se retirar, falou muito bem da questão do segundo tempo. Mas quero destacar que ele é autor de uma Emenda para trazer um outro importante programa do Ministério do Esporte que vai para além do grupo escolar que é o Programa Esporte e Lazer da Cidade, que vai ao encontro da expectativa do Governo Estadual, no sentido de chegar às áreas comunitárias. E esse Exmo. Deputado fez uma Emenda de R\$ 3,2 milhões para o Estado Rio de Janeiro e, com certeza, vai trazer contribuições para a implementação dessas políticas no Estado. Em nenhum segmento conseguimos melhorar, sem a capacitação dos nossos profissionais. E na área de Educação Física, em particular, acho que é imprescindível que os nossos professores de Educação Física, em particular, acho que é imprescindível que os nossos professores de Educação Física estejam à frente desses projetos. Acho que o professor de Educação Física passa por uma formação, por uma preparação e é, através das mãos desses professores que, sem dúvida alguma, vamos conseguir melhorar sensivelmente o nível dos nossos atletas, dos que pretendem virar atletas de Alto rendimento e, obviamente, daqueles futuros campeões.

Uma outra situação é a de uso das instalações esportivas dos Jogos Pan-Americanos após a realização dos jogos. Algumas federações e confederações já estão se antecipando a isso, trabalhando em projetos, em propostas de utilização desses espaços, após os Jogos Pan-Americanos.

Esse é o caminho que deve ser seguido. O Presidente Hélio Meirelles, da Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno, que estava aqui há pouco, é um deles, e já encaminhou um projeto de utilização das instalações de Deodoro para um trabalho de desenvolvimento da modalidade de Pentatlo Moderno.

Esse caminho desse ser seguido por todas as modalidades que tenham espaços físicos sendo construídos ou sendo reformados, para serem utilizados durante os jogos Pan-Americanos. Então, esse é o momento. Eu diria a qualquer uma dessas federações ou confederações que tem, de fato, o interesse em fazer o uso dessas instalações para que não deixe passar os Jogos Pan-Americanos. Façam agora. Apresentem essas propostas, neste momento, para quem de direito, para que elas possam ser analisadas, estudadas e debatidas. Este é o momento que devemos fazer a apresentação desses projetos.

Eu também gostaria de dizer para vocês: eu sou – digamos assim – o resultado de que esporte, como inserção social, atrelado à preparação para o alto rendimento dá certo. Não estaria hoje conversando com vocês senão fosse pelo esporte. Foi o esporte que me deu a oportunidade de educação, foi o esporte que me deu a oportunidade de desenvolver o meu lado intelectual, e foi através do esporte que eu consegui chegar até aqui.

Obviamente, eu poderia até conseguir fazer as mesmas coisas que eu estou fazendo aqui, mas sem o esporte seria muito difícil. Muitas pessoas que não têm uma condição sócio-econômica privilegiada conseguem, através do esporte, abrir portas e ter oportunidades e ganhar visibilidade. Então, o esporte é um meio e um veículo de formação social fantástico, todos nós deveríamos aproveitá-lo e aproveitá-lo muito bem.

O Presidente Alaor falou sobre a utilização de mesas em escolas. Eu concordo com ele. O desenvolvimento, por exemplo, do tênis de mesa é uma coisa baratíssima. E todos nós, quando crianças, de uma forma ou de outra, passamos por uma mesa de tênis de mesa ou de pingue-pongue, antes de chegarmos ao esporte propriamente dito. Então, é um esporte de fácil desenvolvimento, tem uma sensibilidade que não é onerosa.

Como ele, muitas outras modalidades também podem ser utilizadas para dar oportunidade para os jovens serem picados pela mosquinha do esporte, e através disso buscar outros caminhos. Então, o esporte também com negócio é um veículo fantástico de retorno econômico para a cidade, para o país e para as entidades que investem nele dessa forma.

E o Rio de Janeiro, que é capital do turismo brasileiro, depois dos Jogos Pan-Americanos, também pode se candidatar a ser uma sede para que países da Europa ou da América do Norte, que têm um inverno rigoroso, possam se utilizar dessas instalações, através de convênios com a Prefeitura, o Governo do Estado ou o Governo Federal, para treinamento dos seus atletas. Então, essas instalações se tornam instalações com possibilidade de retorno financeiro para quem estiver administrando essas instalações.

Muitos dos nossos atletas, às vezes, se deslocaram do Brasil para outros países para cumprirem um período de treinamento porque nós não tínhamos instalações adequadas. O Rio de Janeiro, hoje, e a partir dos Jogos Pan-Americanos, se torna a cidade com os melhores equipamentos esportivos de todo o Brasil. Alguns deles, sem dúvida nenhuma, de qualidade igual ou melhor do que qualquer um que a gente encontre nos Estados Unidos ou no Canadá. Então, isso faz com que a cidade se credencie a oferecer essas instalações para outros países e a negociar esses espaços, para que clubes, entidades esportivas possam utilizá-los, e também trazer um retorno financeiro para as entidades que o administram.

Não quero me alongar, mas acho que esses pontos que abordei são importantes. A gente continua trabalhando, a pouco menos de 80 dias dos Jogos do PAN. Nós gostaríamos que vocês todos, de alguma forma, fossem assistir e participassem dos Jogos.

Os Jogos Pan-Americano serão uma oportunidade única para todos nós mostrarmos a nossa capacidade de organização. O envolvimento dos três entes governamentais foi importantíssimo, imprescindível para o sucesso desse Pan-Americano.

Os nossos atletas, independentemente de onde que eles venham do Brasil, sem dúvida nenhuma, terão as melhores condições de treinamento e de competição durante os jogos. Eu acredito que todos eles nos representarão muito bem. Todos nós estaremos torcendo para que esse palco que nós construímos com muito carinho seja bem utilizado, que o nosso Brasil seja bem representado por esses atletas e que a gente não tenha feito festa só para os outros, que os nossos atletas também possam ganhar medalhas, representando bem o Brasil, saindo desse Pan-Americano fortalecidos para bem representar também o Brasil na edição dos Jogos Olímpicos em Beijin, no ano que vem.

Muito obrigado. Coloco-me à disposição de todos vocês.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Agberto Guimarães, muito obrigada. Não temos dúvidas de que os atletas serão um colírio para os nossos olhos, nos Jogos Pan-Americanos, e que trarão muitas medalhas. Temos certeza disso.

Temos seis oradores inscritos. todos farão uso da palavra. Fechei, já, as inscrições.

Convido, agora, a Sra. Andréa Nascimento, Diretora do Departamento Políticas Sociais de Esportes e Lazer do Ministério dos Esportes para fazer uso da palavra.

A SRA. ANDRÉA NASCIMENTO EWERTON – Bom dia.

Quero agradecer, em nome do Ministro Orlando Silva e de nossa Secretária Rejane Pena, o convite; Quero parabenizar a Vereadora Patricia Amorim e a Comissão de Esportes e Lazer – faço – faço aqui o destaque desse conteúdo, o lazer, que no debate ficou um pouco ainda em segundo plano –; Quero parabenizar pela iniciativa e dizer que é uma satisfação muito grande do Ministério dos Esportes estar aqui presente.

Registrei algumas palavras e tranqüilizarei a Vereadora , dizendo que não vou me alongar. Mas farei provocações importantes a este Debate, entendendo que ele é apenas um passo a ser dado, de vários outros que, com certeza, a Comissão e todo esse coletivo aqui irão dizer.

Primeiro vou falar do grande desafio que é discutir, debater esporte e lazer. Tentando superar a lógica de política, no sentido da crítica partidária que talvez esteja colocada, aqui, nesta reflexão e que para que ela seja então debatida enquanto uma Política Pública de Estado, e não uma Política Pública de Governo. Datado, aí, com inícios de mandatos e finais de mandatos.

Vou caminhando para a conclusão de minha fala, pedindo também para que a gente reflita sobre a importância da inserção no Plano Diretor da promoção de políticas setoriais de esporte e lazer. E posso mencionar quatro eixos para valorizar essa intenção de destacar essa importância. Primeiro que todos nós que estamos interessados neste Debate passemos de fato a entender o esporte e o lazer como direito e como finalidade, não apenas como meio. Mais, que o esporte e o lazer tenham a potencialidade e a possibilidade de humanizar as cidades, ou seja, essa característica e essa riqueza do potencial humanizador que têm as Políticas Públicas de esporte e lazer. E mais, as Políticas Públicas de esporte e lazer trazem à população o sentido de pertencimento à cidade. No momento do prazer, da satisfação, do divertimento e da alegria, a população se sente mais pertencente a esta cidade. Então, essa discussão pode ficar mais valorizada pelo viés do pertencimento da população à cidade. Por fim, a capacidade e a potencialidade das Políticas Públicas de esporte e lazer, no sentido da intersetorialidade com a saúde, com a educação, com o meio ambiente, com a cultura, entre outros. E, fundamentalmente, que o Plano Diretor perceba a necessidade de construir uma concepção matricial de pensar a gestão pública. Então, Políticas Públicas de esporte e lazer jamais poderiam estar por fora ou de fora deste desafio.

Quero aqui passar duas informações para nossa companheira do ciclismo. O Ministério do Meio Ambiente está fazendo um Debate importante. E

importante também será sua participação no sentido de construir um Plano Nacional de Ciclovias. (PALMAS). O Brasil tem uma carência assustadora de ciclovias. Eu, como paraense, aqui saudando meu conterrâneo Agberto Guimarães, digo que em nosso estado e agora em Brasília assustadoramente os ciclistas não têm onde andar, a não ser nos parques, em especial no Parque da Cidade. O Ministério do Meio Ambiente está fazendo essa discussão. Peço a inserção da sua entidade, no sentido de contribuir para esse Debate.

Outra iniciativa importante de um outro setor do Governo Federal é a orientação que o Ministério das Cidades está prestando ao Debate sobre Plano Diretor. E seria importante que a Vereadora e toda a Comissão fizessem esse contato para poder subsidiar as outras experiências de Plano Diretor das outras cidades brasileiras que conseguiram muitas vezes consertar esse equívoco – ou muitas vezes já nascer sem esse equívoco – de deixar de fora a discussão das Políticas Públicas de esporte e lazer do Plano Diretor.

Quero dar um abraço em todos e dizer que nós do Ministério dos Esportes do governo federal aceitamos aqui este desafio do governo estadual e do governo municipal no sentido de, na construção de um sistema, definir as competências. De fato, nenhuma Política Pública terá êxito se não tiver claramente definido a quem cabe fazer o quê. Os entes federativos ficam muitas vezes sombreando suas atitudes, fazendo um pouco a política da vaidade no sentido da construção das políticas, e muitas vezes isso se dá por falta da construção desse sistema. Nós do Ministério assumimos esse desafio e convocamos todos para construir um sistema nacional de esporte e lazer que busque superar essa dificuldade de sobreposição, de política na concepção partidária, e não de política na concepção de Política Pública de Estado para o povo brasileiro.

É isso que o povo brasileiro merece, é disso que ele precisa, e é isso que nós, do Executivo, e V. Exas. do Legislativo, temos o dever e a obrigação total e absoluta de cumprir.

Um abraço a todos, e obrigada pelo espaço.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Eu gostaria de agradecer a contribuição. Estou de posse desse estudo e o disponibilizo a todos os presentes. E eu não poderia deixar de ressaltar a importância dessa interlocução entre os três níveis do governo para tornarmos essas ações efetivas, despendendo muito menos dinheiro público.

Todas as intervenções são bem-vindas e devem ser ressaltadas, seja através de grandes equipamentos ou de grandes projetos. Portanto, essa interlocução é indispensável, fundamental para que não haja, exatamente esse desperdício, para que a Política Pública implementada pelo Município, pelo Estado ou pelo Governo Federal seja convergente, criando-se a partir daí, uma política de esporte em todos os níveis de governo em parceria com a sociedade, com todos os interessados. Aí sim, com eficácia, através da inclusão, do esporte escolar, da formação e do alto rendimento competitivo, usaremos a palavra “esporte”.

Eu gostaria de agradecer muito à Andréa pela participação, e vamos disponibilizar todas essas informações.

A SRA. ANDRÉA NASCIMENTO EWERTON – Eu não poderia deixar de parabenizar a Vereadora Patricia Amorim e dizer a todos os Vereadores aqui presentes que é importante as pessoas saberem que o Estado do Rio de Janeiro e em especial, o Município, através da atuação de V. Exas. está ousando. Como membro do Poder Executivo, fui convidada várias vezes pela Câmara Federal a participar de Audiências na Comissão de Esportes, e o quórum nunca foi tão significativo. Muitas vezes, Audiências foram desmarcadas por falta de pessoas interessadas no Debate. E este Plenário, com esta participação, demonstra, o trabalho que esta Comissão e este Poder Legislativo estão fazendo no sentido do reconhecimento da importância do esporte e do lazer.

É importante esse registro.

Muito obrigada.

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Muito obrigada.

Neste momento, passo a palavra ao Sr. Luiz Mário, representante do Comitê Social do Pan.

O SR. LUIZ MÁRIO BEHNKEN – Boa-tarde a todos. É um prazer estar aqui. Meu nome é Luiz Mário, e represento o Comitê Social do Pan, mas gostaria de registrar que sou servidor público desta Casa, com muito orgulho, para que todos tenham conhecimento disso.

Estou falando em nome do Comitê, que é uma organização de entidades e cidadãos interessados na democratização da implementação dos Jogos Pan-Americanos, com dois anos de atuação. Infelizmente, o Comitê, suas entidades e participantes não estão presentes porque, no momento, está sendo realizado um seminário na Ordem dos Advogados do Brasil, para o qual também fomos Convidados, com que já estávamos comprometidos, de discussão da construção de uma cidade para todos, o que envolve a política de remoção de comunidades na Cidade do Rio de Janeiro, parte dela sendo implementada em função dos Jogos Pan-Americanos, infelizmente. Por isso, nosso Comitê está lá, porque somos contra a ameaça de remoção de comunidades em nome dos Jogos Pan-Americanos. Acreditamos que deveria ocorrer exatamente o contrário. Mas não poderíamos deixar de estar presentes aqui, em virtude do convite feito pela ex-atleta Cris Lobo, assessora da Vereadora Patricia Amorim, também ex-atleta, com as quais temos muito orgulho de conviver e dialogar sobre política desportiva, não só pelas cores rubro-negras que também defendemos.

Porém a discussão aqui é sobre Plano Diretor e seu envolvimento com o esporte. A discussão do Plano Diretor é uma discussão de uso do solo, como a Vereadora muito bem colocou no início da Audiência, e uso do solo deriva também para questão da propriedade do solo, o que faz com que a discussão acabe resvalando nos Jogos Pan-Americanos. No tocante à política de esporte e de lazer, na linha da representante do Ministério dos Esportes, podemos oferecer como contribuição que um percentual da população deveria ser colocado no Plano Diretor. Aliás, é um absurdo, como já foi dito aqui, não haver referência à política esportiva no Plano Diretor. Então, um percentual da população deve ser



definido pelos urbanistas ou por outros indicadores, no sentido de que tenha um equipamento esportivo e um espaço de lazer disponibilizado, de uso público e de patrimônio incorporado ao patrimônio incorporado ao patrimônio da cidade. Isso possibilitaria, como Política de Estado, não como Política Governamental, a massificação de esporte e do aproveitamento do solo para a utilização do caráter republicano que gostaríamos de ver implementado nas Políticas Públicas. É evidente que os projetos da Prefeitura, de Vila Olímpica, entre outros, não têm esse caráter permanente. Mais do que isso, fica ao sabor do uso político do Prefeito ou do governante de plantão.

Então, a contribuição que o Comitê vem trazer a esta Casa é a de que a cada percentual da população seja colocada no Plano Diretor a obrigatoriedade de disponibilização de equipamento desportivo e de uma área de lazer. Isso pode ser colocado na Legislação referente ao Plano Diretor. Por que isso? Porque consideramos que a Cidade do Rio de Janeiro tem uma vocação natural para o esporte, o lazer, a cultura e, conseqüentemente o turismo. E essa vocação tem de ser fortalecida através da disponibilização de áreas para seu aproveitamento. Mas o caráter mais importante é que essa área não poderá ser – como é a ameaça que está sendo colocada – privatizada ao ser concedida a determinadas empresas ou entidades que possam restringir seu uso.

Outra sugestão é a de que qualquer equipamento esportivo e de lazer construído com dinheiro público seja para o uso público, não sendo destinado ao favorecimento de um negócio, seja ele de que caráter foi. Uma outra sugestão a ser colocada no Plano Diretor é a de que todo equipamento feito em nome do PAN seja incorporado ao patrimônio desta cidade para a garantia de seu uso.

Eu não poderia deixar de destacar como mencionado em todas as falas aqui, estando a menos de três meses dos Jogos Pan-Americanos, a nossa crítica à política implementada pelos três governos e pelo Comitê Olímpico. Até onde temos acompanhado, uma das nossas primeiras críticas, desde a nossa fundação, é a falta de informação sobre o que seria feito com os Jogos Pan-Americanos em termos de localização e de equipamentos foi um festival de incompetência sua implementação. Digo isto sem nenhum medo de errar: é um absurdo o que está sendo feito nesta cidade em nome dos Jogos Pan-Americanos.

Foi dito aqui pelos dois Secretários de Esportes que os Jogos são um grande negócio. É verdade, e não podemos nos esquecer de que se trata de um evento privado, de interesse privado, de determinadas empresas e determinadas pessoas. Mas a cidade e a população que estão acolhendo esses Jogos não podem permitir que o interesse público seja subordinado aos interesses privados. E aí os exemplos são muito claros. O Engenhão é um desperdício de dinheiro público – R\$ 380 milhões gastos num estádio desnecessário ao esporte, porque temos o Maracanã, e à população no seu entorno. Além disso, já contamos com vários estádios. Na Marina da Glória, houve a tentativa de construção de uma garagem para barcos de luxo, mas não vai ser utilizada, porque impedimos a sua construção. Não seria utilizada nem para os Jogos Pan-Americanos. Um negócio envolvendo R\$ 40 milhões. No Estádio de Remo da Lagoa, tentam construir um shopping á beira de um cartão postal em nome do PAN. No Parque do Autódromo, esta cidade gastou mais de U\$ 60 milhões na adaptação do Autódromo à Fórmula Indy, hoje esse traçado foi jogado no lixo. Esse dinheiro foi jogado no lixo porque ali tinham de ser construídos outros equipamentos

esportivos. Por que tinham de ser construídos ali é uma discussão. E para que uso?

Tomara que a Federação de Ciclismo possa utilizar o Velódromo de forma pública, gerenciada, e que qualquer cidadão possa utilizá-lo. Isso deveria ser a regra e não a exceção.

Quanto ao Engenhão, não sabemos o que vai acontecer com ele depois dos Jogos.

O que está previsto para o Estádio de Remo é um *shopping*.

O que estavam tentando fazer na Marina era uma garagem para barcos de luxo. Quanto ao Autódromo, já comentamos.

O que vai ser feito do Parque Aquático? Vai ter uso público? Vai ser livre e franqueado a qualquer cidadão a utilização daquele equipamento esportivo feito com dinheiro público?

A Vila Pan-Americana foi construída de acordo com o interesse de uma política habitacional necessária e urgente para as comunidades mais carentes desta cidade, para os milhares de cidadãos que não têm onde morar, ou não? Ou foi ela construída também como um grande negócio, ou quiçá, uma negociata de favorecimento a determinada empresa que ali construiu para uma classe média já abastada? Isso feito com o dinheiro do trabalhador, financiado através do BNDES com dinheiro do trabalhador. A urbanização está sendo paga pelo contribuinte carioca. Quem está ficando com o lucro?

Infelizmente, gostaríamos aqui de saudar os Jogos Pan-Americanos como um grande evento de confraternização dos povos e de favorecimento ao esporte, porque esta cidade tem essa vocação. Infelizmente, pelos governantes atuais e combinados com o Comitê Olímpico Brasileiro, chamado de CO-RIO... Queria registrar a carta do Professor de Educação Física, Homero Blota, gostaria de lê-la mas vou perder muito tempo. No Blog do Jornalista Juca Kfourri poderá ser encontrada. Só está definida a atuação do Sr. Carlos Nuzman na implementação desses jogos. Gostaria que as pessoas dessem uma olhada, pois ali ele fala dos interesses privados, dos meios de comunicação como estão interrelacionados nessa implementação.

A nossa presença aqui é para lamentar o que foi feito e dizer que estamos na trincheira da resistência do interesse público, na defesa do que está sendo gasto e estaremos, a todo momento, tentando impedir os absurdos prometidos, as ameaças feitas em nome do PAN. Já conseguimos, na Justiça, impedir a construção da garagem da Marina da Glória; estamos na trincheira para impedir a construção do *shopping* no Estádio de Remo e não só dar impedimento, mas que também fique aqui o aviso, conforme o Prof. Homero Blota:

(LENDO)

O que eu realmente espero, passado o Pan-Americano, é que o Ministério Público e os Vereadores, bem como o povo dessa nossa querida cidade se ocupem de investigá-lo.

Eu amo o esporte e lamento ver o olimpismo ter ser transformado em uma grande negociata.

Assim, nunca iremos chegar a lugar algum.

Espero que nas Olimpíadas de Londres o senhor continue assim, vibrante, com cada vez mais trejeitos, tiques e tremeliques, torcendo muito pelos nossos bravos atletas.

Mas confortavelmente sentado em sua poltrona em sua casa no Rio de Janeiro.

(INTERROMPENDO A LEITURA)

Nós também. O aviso que faremos é que, mesmo depois dos Jogos Pan-Americanos, buscaremos responsabilizar todos - autoridades ou não - pela implementação dos Jogos Pan-Americanos, seja pelo caráter de uso do dinheiro público, seja na destinação dos recursos a serem utilizados.

O que estou falando aqui não é nenhuma novidade. O Secretário de Obras Eider Dantas declarou que nem em 30 anos a possível concessão que se fará do Estádio do Engenhão pagará o dinheiro público ali investido.

Muito obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Obrigada, Sr. Luiz Mário.

Pediria aos próximos oradores que se ativessem ao tema do Plano Diretor mas agradecemos todas as contribuições e esse é o lugar de discussão, esta aqui é a Casa do povo e todos têm direito a falar.

Então, com a palavra o nobre Vereador Prof. Célio Lupparelli.

O SR. VEREADOR PROF. CÉLIO LUPPARELLI – Senhora Presidente, Vereadora Patricia Amorim; Vereadora Silvia Pontes; Vereador Rogério Bittar; demais componentes da Mesa; senhoras e senhores: concordo que deveríamos nos ater somente à questão do Plano Diretor, mas infelizmente tenho que responder algumas coisas, o que é uma questão até de foro íntimo.

Na reunião de anteontem eu tive problemas aqui no Plenário exatamente porque eu estava tratando exclusivamente do Plano Diretor e as pessoas não queriam tratar do Plano Diretor.

Para dizer a verdade, é a primeira vez que ouço alguém falar, como V. Exa. está falando, para tratarmos apenas do Plano Diretor. Eu estive em todas as Audiências Públicas, com exceção da de ontem que, por força de um convite interessante para conhecer o Estádio do Engenhão, não pude vir, mas mandei minha assessora, que participou, justificou, falou e apresentou as nossas propostas.

Em todas as Audiências, nós apresentamos propostas aqui no Plenário, falando, lendo e depois encaminhando à Mesa. Então, eu acho que V. Exa. está certa, mas há algumas considerações que eu tenho que fazer e gostaria que me fosse permitido.

Eu compreendo que o Estado Democrático é assim mesmo, as pessoas têm que chegar aqui e criticar com seus pontos de vista concretos, como o meu antecessor, mas nós que temos uma sensibilidade às vezes não tão técnica, não tão profunda, temos que nos colocar, também. Eu me lembro que, quando o

Sambódromo foi construído, no Governo Leonel Brizola, saudoso ex-Governador, havia pessoas dizendo “Vai cair, vai desabar, tomara que caia” e Sambódromo está lá até hoje como uma obra que é cartão postal nosso, da nossa cultura e é uma das partes do Rio de Janeiro notabilizadas em todo o mundo.

Enfim, sei que há pontos negativos, mas tenho que dar aqui um depoimento sincero. Ontem eu me senti mais carioca.

No dia 24 de abril passado eu completei 60 anos, sou professor, médico, uma pessoa do povo, uma pessoa integrada e digo aos senhores que talvez tenha sido ontem o dia em que me senti mais carioca, quando eu me senti dentro do Engenhão. Eu não estou discutindo o mérito – o meu antecessor falou muito bem, pode ser até que seja verdade, não estou aqui contestando e gosto dos números, embora não seja meu forte.

Entretanto, quero dizer que eu, como legado, tenho uma grande esperança de que isso seja integrado à vida carioca. Tomara que isso aconteça, sinceramente, respeitando a opinião do meu antecessor.

Outra coisa sobre que acho importante falar é que não considero que as atividades esportivas sejam prioritariamente para formar atletas. Acho que elas têm, também, essa vertente, mas são principalmente para formar cidadãos. Acho que a Educação Física tem integração com todas as áreas, e gostei muito da citação que a senhora fez. Respeito, e acho que devemos implementar e desenvolver potencialidades, mas eu, quando dirigi, durante 28 anos, escola pública – e hoje ainda dou aula no Colégio Pentágono, de onde vim correndo para esta Audiência – priorizei a minha escola, e conversei com todos os meus professores de Educação Física, dizendo: “Não vamos fazer competição inter-escolar e nem dentro da escola, vamos tentar fazer Educação Física como formadora de cidadãos”. E posso garantir que o resultado lá na Comunidade de Ricardo de Albuquerque, durante 30 anos foi altamente positivo.

Portanto, pode haver essa vertente, ela não pode deixar de existir, mas a cidadania, acima de tudo, acho que é a grande contribuição que o esporte e o lazer trazem, e daí a interligação com a educação, com o trabalho, com a saúde, enfim, com a vida, com a integração social.

Eu queria dizer, também, que tenho estudado muito o assunto com a minha assessoria, até porque sou o Vereador mais novo no exercício do mandato.

Quero fazer um comentário positivo. Há uma citação, sim, no Artigo nº 142, e meu antecessor foi muito feliz quando disse: “O Plano Diretor, a discussão dele é basicamente sobre o uso do solo para implementar Políticas Públicas”. Exato. No Artigo nº 142, no item 6, fala-se de Área de Esporte e Lazer. Vou ler só o *caput* do Artigo: “A localização dos seguintes equipamentos urbanos observará o disposto no Plano Diretor e a política setorial do órgão responsável, ouvidos os órgãos responsáveis pela articulação dessas Políticas Públicas, componentes do sistema municipal de Planejamento Urbano e a comunidade local”. Inclusive, a comunidade ouvida para a instalação desses equipamentos que vão ocupar o solo.

Isso está contemplado! Concordo que deveria haver um setor, uma seção específica para que essas políticas fossem detalhadas, isso está faltando. Cabe a nós, Vereadores, representantes da comunidade, inserir no nosso Plano Diretor.

Dito isso, nossas recomendações não vou ler, até para não correr o risco de acontecer o que aconteceu anteontem, quando saí entre aplausos e vaias. Não vou correr esse risco, mas quero dizer aos senhores que estamos encaminhando coisas referentes ao que ouvi. Graças a Deus, me senti muito feliz com minha equipe, porque está tudo aqui contemplado. Ou, pelo menos, parte.

Para encerrar, como desabafo de quem participou de tudo, queria dizer que hoje estamos realizando a última Audiência Pública desta fase de estudos do Plano Diretor. Ao longo desse período, tiramos algumas conclusões, que resumidamente passamos a comentar. Aspectos positivos, pincei só dois. Não vou dizer que essa seja a análise perfeita, mas foi a minha, e bem intencionada.

O que vi de positivo? Tirei um aprendizado, principalmente observando a atuação zelosa de uma pessoa que não é do meu partido, por isso vou falar com bastante tranquilidade: o Vereador Jorge Felipe. Infelizmente, hoje, para me contrariar, ele não está aqui. Ele esteve presente a todas as Audiências Públicas, nos orientando. Tenho que fazer essa referência, embora ele não seja do meu partido. Segundo, o espírito democrático que os Presidentes das Comissões Permanentes demonstraram, como agora a nobre Vereadora está fazendo. Achei muito interessante.

Tenho que falar agora dos pontos negativos, que são cinco! Primeiro, a baixa frequência de representantes das entidades e da população como um todo. A Câmara tentou resolver, publicando nos jornais de grande tiragem, mas, infelizmente, não conseguimos êxito.

Esse é um aprendizado que temos que passar para todos. Onde falhamos? Não conseguimos mobilizar a comunidade como um todo!

Segundo, a baixa frequência de Vereadores. Todo mundo sabe das minhas relações com o Prefeito, com o Poder Executivo; não as nego, me orgulho disso. Mas temos que olhar para nosso umbigo. Lamentei a saída do Secretário de Esportes e Lazer antes da minha fala, mas houve casos em que o Poder Executivo não se fez representar. A crítica é construtiva, mas temos que falar que a frequência de Vereadores nunca foi superior a cinco. E eu estive presente a todas! Repito, ontem mandei minha assessora porque estava no Engenheiro, fui convocado e

achei oportuno estar lá. Enfim, é uma crítica que temos que fazer a nós muito mais porque moramos e trabalhamos aqui!

Terceiro, é o despreparo das pessoas quanto ao tema. Hoje, até que foi bom. Não estou fazendo média! As pessoas me deram a nítida impressão de que não leram o documento, principalmente naquele dia em que saí sob tensão porque as pessoas não sabiam o que eu estava lendo. Se estivessem acompanhando, veriam que a gente está fazendo uma grande contribuição nas questões urbanas. Estou falando de Plano Diretor, porque hoje é a última Sessão, e por isso me permito a sua aquiescência.

Alguns que falaram não deram a verdadeira abrangência ao tema. Trataram do setor... Eu vou falar então do meu bairro, pois não foi tratado aqui o bairro em que eu moro, Jacarepaguá, por exemplo. Não houve caso. Mas, para não agredir outros bairros, vou falar do meu. As pessoas vinham aqui só para falar só do bairro delas. Não viam aqui a coisa de uma forma macro, não viam a cidade como um todo. Tudo bem. A gente respeita, porque o espírito democrático é isso, mas tenho que fazer a crítica.

Outra coisa. O atraso quanto ao início de algumas Audiências, atraso até de uma hora! E houve críticas aqui, teve gente que saiu por causa disso. E, pior, houve Audiência Pública que não se realizou porque o Presidente, o Vice-Presidente... Isso é crítica que a gente tem que fazer, é autocrítica. Não pode acontecer. Depois de convocar a população, por menor que seja o número, nós temos que respeitar quem está aqui...

E, por último, houve uma extrema politização partidária de muitas pessoas que usaram o espaço para se pronunciar. Parece que a preocupação maior era criticar o Poder Executivo atual, esquecendo-se, muitos oradores, de que o Plano Diretor deve ter uma duração de 10 anos, ao passo que o atual Prefeito, certo ou errado, bom ou mau, vai terminar no ano que vem. No próximo ano, ele tem que sair, não pode nem ser reeleito por força de Lei.

Então, repito, isso aqui é um espaço democrático; a Presidente foi a única que falou isso aqui, e eu fico feliz. Quem está no poder tem que receber as críticas. Deve receber, até para se

aprimorar e aprender, porém não se pode usar esse espaço apenas para isso. Eu vi muitas vezes apenas isso. Hoje, vi uma crítica do companheiro, que me antecedeu, muito técnica. Ele não personalizou, ele colocou a coisa no geral. Eu não tenho os dados para contestar, infelizmente. Aceito, porque não tenho dados diferentes. Tive a sensibilidade, como carioca, de gostar do Engenhão, agora, os detalhes eu não sei... Mas nós temos que dizer que, na realidade, a maioria das pessoas que usou essa Tribuna usou, na maioria das vezes, para fazer crítica ao Executivo, como se ele durasse mais 10 anos. Ele não vai durar mais 10 anos.

Muito obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Apenas para corroborar com o nosso companheiro, quando o Plano Diretor se menciona a área de Esportes e Lazer, no artigo 201, ela não é tratada como uma pasta, entra na discussão do mobiliário urbano, da Secretaria de Educação. Por isso, no início – o Vereador não estava presente – fizemos a sugestão de que se incluísse nesse artigo... Faço questão de ler novamente a sugestão de nossa condição como contribuição...

Enquanto acho o meu documento, convido para fazer uso da palavra o professor Sérgio Tavares, representante do Cref.

O SR. SÉRGIO TAVARES – Bom dia. Acho que já é boa tarde, já estamos em boa tarde... Vou procurar ser o mais sucinto possível e me ater ao tema. Acho que nós temos muito que discutir a respeito dele, precisamos pontuar essas questões. Peço desculpas antecipadamente, no caso de um asfaltamento irrelevante, mas consideramos algumas questões muito importantes de serem tocadas aqui.

Falo em nome do nosso Presidente, Prof<sup>o</sup>. Ernani, um batalhador da Educação Física, que junto com Prof<sup>o</sup>. Jorge, transformou o exercício da profissão nesse país, ela que hoje está sendo discutida com tanto entusiasmo. Essa é uma realidade que nós estamos vivenciando com muita emoção. A primeira delas é a de ter à frente desses trabalhos uma profissional de Educação Física. Quero dizer da satisfação enorme, como profissional de Educação Física

que sou, representante da instituição que aqui citei, de tê-la à frente desses trabalhos. É um grande alívio vermos o Parlamento brindado com a presença dos seus argumentos, das suas iniciativas, e acho que temos muito o que discutir, a partir do que está sendo feito aqui. Precisamos manter o foco, que é importante, mas precisamos desdobrar essa oportunidade. Mais coisas, nesta cidade, precisam ser discutidas, a partir deste nosso empenho, através de trabalhos, como estes que estão sendo realizados por V. Exa. hoje.

Também queria dizer da importância de vê-la tão bem acompanhada. Acho importante, no início da fala, colocar o quanto foi providencial a fala do Vereador Rogério Bittar. Quero falar também aos remanescentes da Mesa, aqueles que conosco permaneceram. Infelizmente, algumas ausências parciais são difíceis de justificar, os nossos Secretários precisavam estar aqui. Compreendemos as suas prioridades, mas não conseguimos enxergar muito além do que está sendo colocado aqui hoje, não é? Mas, com a presença do Sr. Fernando, que acompanha o trabalho de Educação Física por várias razões há muito tempo, sentimo-nos prestigiados. O Prof<sup>o</sup>. Jorge, através do Prof<sup>o</sup>. Sérgio Sartori, também se fez representar com muito brilho; e a Andréa, que hoje traz aqui a presença daquele que tem oferecido a este país, a despeito das nossas divergências ideológicas realmente a oportunidade de verificar uma cadeia de planejamento, em que políticos e técnicos possam contemplar a população com competência, com eficácia, com eficiência e com efetividade. É a única esfera de poder, neste país, em que se verifica os políticos tomando as suas decisões históricas e legítimas, desdobradas em planos, políticas setoriais, programas e projetos, que são capazes, por si sós, como deveria ser sempre, de alimentar propostas de Políticas Públicas. Então, a nossa primeira fala é essa. O que se verifica hoje, na Cidade do Rio de Janeiro, nada mais é do que a ausência da convivência saudável entre políticos e técnicos, que são faces da mesma moeda, mas que não substituem, têm linguagens diferentes, buscam recompensas diferentes. E, quando não conseguem equilibrar devidamente essas questões, trazem prejuízos à população e à sociedade, que é aquilo a que o Cref e o sistema Cref e Concef se destinam.

Estamos agindo em defesa da sociedade - essa é a nossa proposta aqui. Por isso, algumas questões, a despeito do carinho com que fui citado pelo Secretário Estadual e por outras pessoas, assim como por V. Exa., hoje nos colocam numa linha muito crítica em relação ao que verificamos no nosso exercício de profissão. Em primeiro lugar, estamos às vésperas de um evento histórico. Como todo evento histórico, vai ser julgado pela história. Aqueles que estão aqui apresentando os seus argumentos, para um lado e para o outro, não vão precisar de muito tempo para verificar como isso acontecerá. Alguém tem razão: ou o PAN vai trazer os benefícios que muitos discursam, ou não vai trazer os benefícios que outros tantos discursam. Mas nos preocupa a maneira como ele representa um desdobramento de propostas que aconteceram num passado recente.

Então, sobre isso, preocupa-nos a possibilidade de se construir sem ter a condição de assumir. Os equipamentos de esporte e lazer têm passado por essa triste rotina. Com certeza, quem propôs a construção do Piscinão de Ramos não tinha a intenção de fortalecer o tráfico de drogas na região, mas fortaleceu; não tinha a intenção de acirrar disputas territoriais, mas nós, que estamos no campo,

hoje temos que administrar essas disputas. Por quê? Porque não se fez o estudo que deveria ser feito. Falou-se no impacto urbano, falou-se no impacto ambiental, mas não se faz o impacto social dessas obras. Então, elas se transformam em instrumentos políticos, essencialmente políticos, que não representam uma categoria na área de planejamento, que inclua programas, projetos, políticas setoriais. Temos essa esperança com a nova gestão estadual. Estamos aguardando qual é a proposta. A Política Municipal, infelizmente, no desdobramento da gestão anterior para essa, trouxe-nos preocupações. Hoje, com a ausência do Secretário e do Subsecretário, nós não vamos poder esmiuçar.

O Secretário Eduardo Paes chegou a dizer que os projetos... Nós acreditamos que esse ponto, a ausência desse tipo de discussão, hoje, não nos traz as Políticas Públicas necessárias para orientar um plano que possa seguir ao nosso assunto de hoje. Entendeu, Vereadora? Assim, quando se diz, por exemplo, que programas e projetos tais como Vilas Olímpicas, Projeto Mel, são projetos de sucesso, isso precisa vir acompanhado dos resultados comprovados. São um sucesso em que frente? São um sucesso em que área? Onde estão esses números? Onde estão esses resultados?

Infelizmente, a população brasileira traz para o esporte uma aura que mais nos atrapalha do que ajuda, de que esporte é bom, de que esporte é educação, de que esporte é saúde. Esporte não é nada disso: esporte pode ser isso. Esporte é uma ferramenta. Depende de quem está operando. Hoje, nós podemos dizer que o esporte também pode trazer a droga, também pode trazer a violência, também pode trazer a manipulação social e também pode trazer a impossibilidade de planejamentos sérios, que exijam a devida relação entre o Poder Executivo e o Legislativo.

Nesse sentido, nós vemos, há dez anos, um discurso que não se traduz nos resultados do esporte, não do lazer. O esporte, enquanto fenômeno legítimo que é, tem hoje os seus parcos resultados por causa de seus dirigentes, dos esforços das federações. Dificilmente se vai encontrar um dirigente esportivo, nesta cidade, neste estado, que atribua o sucesso, as realizações na sua modalidade a Políticas Públicas implementadas que lhes favoreceram. É quase sempre uma luta diária; às vezes incompatível até com os resultados nacionais. A ginástica artística, por exemplo, vem brilhando e a professora Andréa João vive a sua *via crucis* diária. Então, existe uma incompatibilidade entre discurso e resultado que realmente nos traz muitas preocupações.

(PALMAS)

Está se construindo um equipamento de ciclismo hoje. É difícil acreditar que isso está acontecendo, porque o ciclismo foi reconhecido. Não é isso! Tudo bem, é uma boa coincidência. Mas não é porque o ciclismo está ganhando o seu espaço.

Então, nós temos essas questões.

O Secretário Gustavo Cintra falou a respeito das ações do governo, do qual nós participamos - nós, Cref, celebramos um convênio em 2001, do qual nos afastamos em 2002, porque recebemos uma orientação moralmente impossível de cumprir, de afastar as universidades e o Conselho, porque não estavam cumprindo o seu papel político. Quero destacar que esse documento



está escrito e assinado, à disposição desta Casa. Quando isso aconteceu, nós víamos uma perspectiva muito ruim, quando nós nos afastamos do governo.

Esse Governo Municipal sequer participa das discussões em que nós estivemos presentes, quando convocados pelo Governo Federal. Cidades menores, mas com suas áreas bem definidas, enviaram representantes. O Rio de Janeiro sequer apareceu na Conferência Nacional de Esportes; sequer um representante esteve presente lá. Estivemos lá junto com o Governo Estadual. O Governo Municipal sequer apareceu para trazer argumentos. Como é que poderíamos ter Políticas Públicas? As diretrizes de Políticas Públicas que foram organizadas saíram conosco, porque foram propostas nossas, junto ao então Secretário Ruy Cezar, e que, quando nós rompemos o nosso convênio, saíram conosco. Aqui foi dito que fui responsável pela organização do planejamento técnico das Vilas Olímpicas. É verdade! Mas é muito importante dizer que esse planejamento foi extinto, não se encontra praticado atualmente; sequer escombros do que nós construímos, naquela época, em equipe, se encontram nesses equipamentos hoje.

E como nós costumamos dizer, uma Vila Olímpica não é um prédio! O que acontece lá dentro é o que é importante. Dentro de uma Vila Olímpica pode acontecer muita coisa, inclusive nada!

Mas, também, queremos chamar a atenção para a questão do agente comunitário, que discutimos tanto em Brasília, e eu aqui fiz valer, através de um projeto, que visava, assim, a uma área de transição, que também foi extinto por conta da nossa incompreensão da mudança de políticas em função de razões que não se justificavam na nossa interpretação.

Queríamos recomendar ao Vereador Rogério Bittar que olhasse, com o senso crítico que lhe é peculiar, aquilo que o Secretário Municipal chamou de relação com as Universidades. Queria que V. Exa. olhasse com carinho, por exemplo, como isso se dá. O que acontece, por exemplo, com a PUC, uma universidade importantíssima no contexto nacional, mas que, sequer tem curso de educação física; ao contrário do que já aconteceu em outras épocas. É difícil encontrar respaldo nesse tipo de atenção.

E o mais importante sobre a fala do Secretário. Vereadora, não é com quadra que a gente vai resolver o problema! Nós enterramos um profissional de Educação Física, assassinado numa quadra de esporte no mês passado! Sou professor da rede municipal, da 10ª CRE, trabalho numa escola chamada Narcisa Amália, na Ilha de Guaratiba. Trabalho numa quadra um pouco maior do que a mesa de vocês. Consigo fazer o meu trabalho com muita dignidade. A relação com a Secretaria de Educação tem me trazido algumas chances.

Meus colegas que têm uma quadra - numa realidade que o Secretário Municipal conhece muito bem, por exemplo, a do Morro dos Macacos - não podem ocupar. A quadra do Ciep pertence à criminalidade! Porque no Morro dos Macacos, não é que a gente não possa fazer uma aula de educação física na quadra coberta e moderna, no Morro dos Macacos, hoje em dia, sequer se faz vacinação infantil!

Não é só a questão da quadra, essa não é a única demanda, o que nós precisamos discutir é a qualidade de ocupação desses espaços - e dos outros, das

quadras que estão construídas; das Vilas Olímpicas que estão construídas; dos piscinões que estão construídos!

Vereador Rogério Bittar, V. Exa. está 100% correto. O único critério de ocupação desses projetos milionários - é facilmente comprovável a sua tese, basta uma investigação superficial - é político!

A desculpa são as dificuldades para se fazer um concurso público. Nós sabemos que isso não é uma realidade Existem outros órgãos que podem nos inspirar. A Guarda Municipal, por exemplo, tem um mecanismo de seleção, e não é exatamente um concurso público. E nós não precisamos ter poder de polícia. A discussão que está acontecendo, aqui, agora, no nosso caso, não será necessário.

É muito importante uma resposta que ainda não surgiu. Por que esse tipo de situação pública, notória e facilmente comprovável, com a qualidade de fiscalização à disposição que se tem, através desta Casa, nunca deu um problema? Por quanto tempo, ainda, esse tipo de situação que assola a Cidade do Rio de Janeiro, em relação ao tema, que, infelizmente, é tratado diferentemente de como é tratada a educação, diferentemente de como é tratada a saúde, porque a educação acabou de passar pelo crivo de uma avaliação nacional, que existe? A população, a sociedade está educada para fazer esse tipo de cobrança. Faz através dos órgãos de pesquisas, dos jornais. Assim, também acontece com a saúde, quando acontece algum surto de dengue, ou alguma coisa assim. A população se mobiliza com o critério, está educada para isso; mas a população não está educada para o esporte, o esporte é bom de “qualquer maneira”!

O que nós precisamos é de que esta Casa se pronuncie, pronuncie-se com clareza em relação àquilo que está, efetivamente, trazendo em termos de atuação, de fiscalização. É uma crítica bastante emocionada, porque estamos verificando essas coisas há muito tempo e conversando com eles. Porque embora tenhamos nos afastado do governo, temos uma relação pessoal que permite esse tipo de expectativa exposta com clareza.

Nesse momento, a discussão de não haver nenhuma linha no Plano, para nós, é uma consequência natural. Nós não temos diretrizes de Políticas Públicas claras; nós não temos uma atuação firme e sólida nessa direção. Como poderíamos desdobrar nas ações de um Plano? Nós sequer temos uma cadeia de planejamento organizado. Então, o apelo é que a Casa, através do poder legítimo que tem, interceda para que as relações entre quem é técnico – a esfera técnica que permite esse tipo de organização – e a esfera política – que precisa entender que qualidade técnica também é importante politicamente – que esta Casa, portanto, possa fazer a mediação, para que os interesses da população sejam aprovados. Mas contando com muita firmeza com uma outra Casa que tem uma ação muito próxima, tanto quanto a Casa que V. Exas. representam, quanto a Casa que nós representamos, pois tem como princípio atuar em defesa da sociedade.

Obrigado.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Agradeço a participação do Prof. Sérgio Tavares. A Casa está fazendo seu papel.

Acreditamos que estamos abrindo esse Debate. Também não fomos procurados pelo segmento para ampliar essa discussão. E aí assumimos nossa parcela de culpa, mas todos temos uma parcela de culpa. Talvez a nossa seja maior, sem dúvida alguma por ter deixado ao longo do tempo que isso continuasse acontecendo. Isso veio à tona agora na discussão do Plano Diretor. Não tem sido fácil – sou a única professora de Educação Física da Casa; se não me engano, talvez o Vereador João Cabral também é formado em Educação Física, mas sem atuação na área – de conseguir, inclusive, pela primeira vez, no sétimo ano de mandato, ser Presidente da Comissão de Esportes e Lazer. O que poderia parecer uma coisa natural e tranqüila, mas ao longo desses anos tive que fazer uma enorme manobra política. O que resultou, inclusive, no estopim da votação das Comissões Permanentes. E vem ao encontro, também, deste momento dos Jogos Pan-Americanos. Foi muito difícil chegar até aqui, podem ter certeza. Muito difícil. E acho que não podemos perder essa oportunidade de dialogar. Então nós estamos abertos. Talvez eu não seja tão jovem assim, o Vereador Rogério Bittar é muito mais jovem do que eu, mas continuo com os ideais que ainda permanecem à frente como referência de nossas atitudes.

Então, estamos abertos e queremos provocar essa discussão, sim.

Neste momento, continuando nossos trabalhos, convido a Vereadora Silvia Pontes para fazer uso da palavra. Gostaria, também, de encaminhar à Senhora Kátia Medeiros – eu ia encaminhar ao Secretário de Esportes, mas S. Exa. não ficou até o final. Será encaminhada sua solicitação, de que ao final deste encontro farei a leitura para que conste no Diário da Câmara Municipal.

A SRA. VEREADORA SILVIA PONTES – Bom dia a todos, peço desculpas porque realmente tenho estado em todas as Audiências Públicas, mas hoje tive uma de políticos católicos na Catedral com Dom Dimas e Dom Felipe e não pude chegar antes. Primeiro quero parabenizar a Vereadora Patricia Amorim por estar presidindo esta Mesa. Fico muito feliz pela Vereadora Patricia Amorim por estar nesta Comissão. Eu gostaria realmente de estar no lugar dela, mas não foi briga minha e dela. E fiquei feliz quando soube que era a Vereadora Patricia Amorim que iria assumir esta Comissão de Esportes; sobretudo, ela que é desportista. Falam ex-atleta, mas chamo a atenção porque acho que ela deveria aproveitar esse gancho de ex-atleta e se tornar novamente atleta. Porque sou atleta, orgulho-me muito. Digo inclusive que não sou Vereadora, eu estou Vereadora. Eu sou remadora, e a Vereadora Patricia Amorim devia aproveitar e pegar o gancho da Sra. Maria Lenk, sair aí tentando, quem sabe vai ter muitas medalhas por aí, Vereadora Patricia Amorim. Me orgulho muito de falar da Vereadora Patricia Amorim, não na condição que gostaria, mas está aqui defendendo os melhores interesses. Primeiro dizer a vocês que eu não poderia está ouvindo tudo isso, gostaria de fazer uma observação: eu ouvi muito falar do Engenhão, e falei: então fui em lugar errado. Eu estive ontem em uma Audiência Pública com o Prefeito Cesar Maia, com o Presidente do Comitê Olímpico, Arthur Nuzman, com Carlos Ozório, Diretor Técnico de todas as questões do PAN e fiquei encantada. Eu entendi que quando o Vereador Prof. Célio Lupporelli falou que se sentiu mais carioca, fiquei encantada com tudo que foi apresentado em relação ao PAN. Gostaria de passar para vocês para que tenham algumas visões em relação ao Engenhão de algumas informações que eu obtive

e vi. Primeiro, quero lembrar que aquilo era uma área totalmente degradada onde havia locomotivas velhas, tipo ferro velho. Então, a reestruturação urbanística em torno do local, do bairro, os moradores estão super felizes com a valorização dos seus imóveis. Com relação ao Engenhão, propriamente dito, quero dizer que existe uma capacidade para 45 mil pessoas, e ainda com condição de ampliar para 60 mil. É o mais moderno da América Latina, eu ouvi ontem do Dr. Arthur Nuzman que é um ícone para nos responder sobre isso. O que mais me chamou a atenção foi quando eles falaram da alta tecnologia de acessibilidade, tanto para o espectador quanto para os competidores, no mundo é o que tem maior tecnologia e é um empreendimento feito para que qualquer pessoa, cadeirante, idoso ter a maior acessibilidade possível. É um estádio com característica olímpica, isso é importante dizer porque o Maracanã tem característica para o futebol, o Engenhão tem característica olímpica, onde se pode desenvolver outras atividades, será utilizado como uma arena multiuso. A preocupação maior que me chamou atenção é o legado porque vai ser uma área que depois vai ser utilizada constantemente para eventos esportivos, centros de referências de convenção, enfim, eu fiquei encantada com a tecnologia implementada lá.

Quando a gente fala em Plano Diretor, a gente deve aproveitar o potencial dos jogos do PAN para criar novos equipamentos esportivos e atividades durante todo o ano com um calendário voltado para atrair o público, em todas as áreas onde foram feitos empreendimentos esportivos para que se utilize durante o ano inteiro eventos esportivos. Vou dar um exemplo, ouvi o Vereador Rogério Bittar e vou concordar com ele e discordar do meu amigo, embora eu defenda tanto o profissional de Educação Física, não é dizer que passa, o que passa é o gancho maior. Eu queria imaginar todas as escolas públicas com espaço, com uma quadra para a prática de esportes. A minha linha de frente na Câmara, estou tentando e vou conseguir com a ajuda dos colegas, é a prevenção através do esporte. Então, se quero trabalhar prevenção através do esporte, a primeira coisa que tenho que ter, é um espaço público para a prática de esportes. Não vou me contentar com um pedacinho onde vou desenvolver uma prática qualquer de Educação Física, eu quero trabalhar o esporte como prevenção. Nós temos trabalhado, a Prefeitura, por exemplo nas vilas olímpicas, tem feito um trabalho – alguém falou de números, eu não me lembro – são em média 70 mil jovens, crianças e adolescentes, envolvidos nas Vilas Olímpicas. Realmente lamento que o Gustavo não esteja aqui, porque como isso é um bate-bola, de repente ele poderia ter respondido aos outros questionamentos feitos.

Outra coisa que eu entendo, a própria SMEL – eu não ouvi a explanação do Gustavo, não sei – tem projetos comunitários nas comunidades carentes de prática de esportes. Eu, inclusive, e a Vereadora Patricia Amorim, eu sei, também tem essa idéia, de se trabalhar o máximo possível nessas áreas carentes, colocando equipamentos esportivos para a prática de esportes, para pegar essa criança que vai à escola e depois de sair da escola, tem um profissional de Educação Física, para fazer a modalidade que bem entender, qualquer uma, não se vai obrigar qualquer esporte. Eu me lembro que o Lars Graef, quando foi Secretário Nacional de Esporte falava muito – eu andei muito com ele – ele brigava muito porque nós temos a mania de achar que esporte é futebol. Esporte não é só futebol, não, é qualquer modalidade de esporte, a natação, por exemplo.

Ele brigava muito, tudo ele dizia que as pessoas têm uma visão de futebol, não é só futebol, nós temos que trabalhar diversas práticas de esporte. Eu, por exemplo, sou remadora, me orgulho de ser remadora. Comecei velha, não tive a felicidade da Vereadora Patricia Amorim, mas meu gancho é ser remadora. Não vou deixar de ser remadora, vou continuar, vou ser a Maria Lenk da Lagoa, lá remando.

Discordei do nobre amigo, eu tenho um carinho enorme pelo Vereador Eliomar Coelho, acho que ele é um ícone da Casa, porque é uma pessoa brilhante. Mas ele tem uma discussão, que eu discordo, que é o PAN social, o Pan à para todos. Eu acho que é sim, o PAN é para todos que tiverem resultado. O Pan não tem que ter cor nem classe. Eu tenho amigos pobrezinhos que estão lá se dando e vão buscar medalha. Então, a medalha do PAN ou de qualquer tipo de esporte é para quem tiver resultado. Agora, é claro que se a pessoa é pobre e não tem condição, aí sim nós temos que brigar para que elas tenham condições de competir. Eu tenho usado muito nas minhas discussões sobre prevenção, o Hugo Pessanha. Ele é o segundo maior judoca do país, veio de uma comunidade carente. A mãe entendeu a importância da prática de esportes... Outro dia num depoimento, ele disse: “eu podia ser um aviãozinho qualquer. Não sou porque minha mãe entendeu a importância que era fazer esporte”. Aí alguém no Poder Público ou privado investiu nesse garoto. Então, o que nós temos que fazer é tentar investir nessa garotada, trabalhar esses jovens com a prática de esportes. Eu tenho plena certeza de que se nós trabalharmos o esporte como prevenção, nós tiraremos muitas crianças do ócio e da marginalidade. Temos que parar também com essa mania de dizer que a violência está nas comunidades. Não está, não. A violência é uma minoria, uma meia dúzia, “meia dúzia de três” que usa violência. E se essas crianças estiverem praticando esporte, aí sim eu tenho certeza absoluta que vão ser grandes cidadãos.

Para finalizar, quero parabenizar a Sra. Andréa, que já saiu, representante do Ministério do Esporte, que disse da sensibilidade para o ciclista. Eu tenho estado muito com o *triathlon*, com o pessoal do ciclismo, e realmente a cidade não tem essa cultura para o ciclista. Fui outro dia no Prefeito e falei: “Gostaria que o senhor abraçasse uma causa comigo”; fui no Presidente da CET-Rio, fui na Secretaria de Transportes, porque eu queria imaginar que não é difícil ter uma sensibilidade para o ciclista. Que horas o ciclista vai treinar? Eu tenho visto na cidade inteira *outdoor* com a fotografia do ciclista como potencial, com Medalhas Olímpicas. E esse ciclista para chegar lá faz o quê? Como ele treina? Ele treina fugindo dos ônibus, fugindo dos carros, fugindo do pedestre que briga e discute por ele estar ali. A Márcia Ferreira é uma bicampeã olímpica. A menina hoje, graças a Deus, tem uma vontade muito grande. A vida é o maior desafio. Ela continua, mas foi atropelada treinando. Então, queria que nós todos, Vereadora Patricia Amorim, abraçássemos a causa. Tenho a certeza absoluta da sensibilidade de todos que têm ligação com o esporte, com o trânsito, com o ciclista. A gente vê o ciclista na rua: “pô, esse cara está atrapalhando a rua”. Gente, eles estão treinando e eles trazem medalhas para nós. Eu tenho a lagoa para treinar. Você tem a piscina para nadar, e o ciclista? Ele fica pedindo pelo amor de Deus: “Saíam da frente. Deixem eu treinar um pouquinho”. Aí, o Prefeito disse para mim do Autódromo: “Ah, ótimo. E o cara que mora aqui? Vai treinar onde? Vai lá no Autódromo?”

Então, eu tenho certeza que não vai ser difícil. Só está faltando um legado cultural da gente discutir da importância que é a gente respeitar o espaço do ciclista. Mostrar para as pessoas leigas que a ciclovia, ou melhor, o ciclista não pedala na ciclovia. A ciclovia é para mim que quero passear com a minha bicicleta. “Ah”! Vou dar uma volta na Lagoa. Vou passear de bicicleta”. O ciclista que é o atleta, não vai ficar pedalando em ciclovia.

Inclusive, Vereadora Patricia Amorim, outra coisa que é importante lembrar: eu mesmo, na Lagoa, eu não corro. Eu corro onde? Na ciclovia. Então, eu mesmo desrespeito. A ciclovia é para bicicleta de passeio, para você sair passeando.

Agora, realmente, acho que a gente tem que ter esta sensibilidade para com o ciclista.

Falei da prevenção, não é?

Aí, falando do profissional de educação física, para quem eu dou maior importância. Inclusive, eu tenho orgulho de ter ido, na época da Deputada Laura Carneiro e do Presidente Fernando Henrique, e dizer: “Presidente, o senhor vai acabar com o profissional de educação física.” E ele perguntou: Mas por quê? Respondi: “Tem um projeto aí que está engavetado.” Chamamos o Bernard, na época, que tinha influência no governo. E o Presidente da República simplesmente entendeu da importância e aí virou Lei, dando ao profissional de educação física o direito que ele tinha.

E dizer que eu, quando fui pensar na prevenção através do esporte, que é que eu pensei? Tem que haver um profissional de educação física. Mande uma carta para o nosso amigo Steinhilber. Inclusive temos 40 profissionais de educação física que fizeram o curso de agente multiplicadores, e que estão dentro das modalidades esportivas tentando trabalhar a garotada com relação à prevenção através do esporte, isso é fundamental. Não adianta um leigo, não. Aí, eu concordo, nós temos que realmente pegar o profissional de educação física. Não adianta: “ah, eu sei jogar bola.” Tem que ter um profissional. Como nas academias, tem que ter um profissional de educação física presente. o que mais nós temos são pessoa que entram lá... Meu filho chegou, outro dia: “Mãe, eu vou chamar fulano para ir à academia.” Mas por que você tem que ir com ele? “Para segurar o peso.” A academia, se tivesse um profissional de educação física, estaria dizendo a ele que ele não poderia segurar aquele peso daquele jeito. Ele pensa que ele vai ficar bonito. Mas em compensação pode até ficar aleijado.

Para finalizar, eu só queria dizer que ontem nesta explanação do Dr. Nuzman, que quando criticam o PAN, estão criticando o Sr Arthur Nuzman. Eu invejo a Vereadora Patricia Amorim porque ela deu a primeira Medalha para o Dr. Arthur Nuzman, não é Vereadora Patricia Amorim que é o ícone no esporte. É o Presidente do Comitê Olímpico. Imaginem se o Arthur Nuzman iria ser irresponsável de fazer algum tipo de evento desse porte que não tivesse um legado, que não fosse uma coisa toda preparada. E dizer mais. Ontem, quando eu ouvi ele dizendo que o mundo inteiro se inscreveu, tem Imprensa do mundo inteiro presente no PAN. Então, quando diz que o PAN é um negócio, devemos olhar com outros olhos. É o mundo inteiro que vai estar voltado para a Cidade do Rio de Janeiro mostrando a beleza da cidade. Então, para nós, isto é uma coisa que não existe: a oportunidade de ter o PAN sediado na cidade do Rio de Janeiro.

Quero agradecer a vocês por terem me ouvido. Sou remadora e estava com um amigo do remo aqui. Poderíamos dizer que existem muitas divergências no Estádio de Remo da Lagoa, mas no domingo vai haver a regata pré- teste do PAN. Quanto à raia da Lagoa, ontem tivemos uma explanação do Comitê Olímpico e ela está em perfeitas condições. Se estão fazendo cinema no Estádio de Remo ou não, é a noite. É claro que sonho com um Estádio de Remo voltado só para o remo - um museu do remo, um centro de referência para o esporte.

Outro dia me acusaram de conivência com a Glen. Não sei quem é a Glen. Não vejo Marco Aurélio há 500 anos. A Patricia esteve à frente do Flamengo e viu que é um grupo polêmico, complicado. Não vou imaginar que o Governo Federal, o Governo estadual, a Prefeitura e o Comitê Olímpico estejam vendo alguma coisa contra. Se esses órgãos todos se juntarem em prol de um evento de remo para o PAN, quase corremos o risco, nessa briga dessa pessoal, de ter o remo fora do PAN.

Era isso o que eu queria dizer aos senhores. Um beijo para todos.

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM)- Temos em problema de horário. Temos dois oradores inscritos e peço, com todo respeito, que sejam breves, porque temos um horário a cumprir.

Chamarei para fazer uso da palavra o Sr. Osmir Pereira, representante do Fórum Comunitário de Campo Grande.

O SR. OSMIR PEREIRA – Boa tarde. A primeira reivindicação é que sirvam na plenária do Plano Diretor um cafezinho e uma água para nós, porque ficar aqui quatro ou cinco horas argüentando... Seria muito importante.

E não vou falar sobre o PAN, mas a Vereadora acabou de dizer que estava degradada a área onde estão fazendo o Engenhão. Estava degradada pela irresponsabilidade do Poder Público. Abandonar o transporte ferroviário, abandonar as ferrovias e largar o que era da Central do Brasil uma vergonha. Deveríamos ter ficado envergonhados quando fizeram aquilo.

Outra coisa que o professor declarou, é que está dando aula lá no fundo da Narcisa Amália, onde fizeram uma quadra. Na Escola Narcisa Amália funcionou a Honório Piragibe. Para vocês terem uma idéia da inércia do Poder Executivo, logo ao lado foi doado um terreno, do qual o estado ficou por quatro anos sem tomar posse. O que fez o doador? Deixou-o de lado e vendeu-o para um juiz, que foi morar e está até hoje lá com os filhos.

Outra coisa é que já tivemos convênio com o Clube da Ilha, do qual usávamos o campo de futebol e a quadra. Esses convênios o município precisa fazer.

Com relação às ciclovias, eu gostaria que V. Exa., o Vereador Rogério Bittar e os demais Vereadores fossem às ciclovias da Zona Sul e visitassem as da Estrada do Magarça, da Cachamorra e da Av. Cesário de Melo, de Campo Grande para lá. Não são ciclovias: são enganos ao povo! Dêem uma olhada lá e vejam bem como é que estão. Vamos fazer ciclovias, mas vamos fazê-las com decência, vamos respeitar o pessoal da periferia, que pelo esporte conseguiu inserção social. Queremos inserção social por uma escola pública de qualidade,

onde todos tenham direitos, não só aqueles que tenham vocação para a prática de esportes. Precisamos acabar com essas coisas, porque senão vimos aqui e saímos enganados.

O Vereador Prof. Célio Lupparelli, que esteve presente a todas as Audiências Públicas, tal como o Vereador Rogério Bittar, reclama que o povo não vem. Entretanto, V. Exas, sabem a que horas eu saí de Campo Grande? Hoje eu não quis vir de trem porque eu tinha de trocar o meu celular, que eu perdi ontem com medo de uma cobra - pulei, e o celular caiu. Peguei uma lotada a R\$ 6,00 e um engarramento na Av. Brasil - é uma lástima.

Mas, retomando a discussão do Plano Diretor, a primeira coisa a ser observada é que foi feito um ringue de patinação embaixo do Viaduto de Campo Grande, no tempo em que era administradora a Dra. Elza Osborne. Foi lá a Riolut, retirou e fez um depósito. Aquilo foi feito com o dinheiro do povo, junto com a Secretária. Depois passo a V. Exa. isso tudo por escrito. Deve ser instituída no Plano Diretor uma norma que impeça que se parta a cidade. Se vai ser feita uma obra de qualidade na Zona Sul, que seja feita outra com a mesma qualidade na periferia. (PALMAS). Isso é muito importante.

Seria também importante implantar nos Cieps, sob a administração da Secretaria de Educação, programas de iniciação esportiva. É porque precisamos separar a democratização do esporte da iniciação esportiva de alta qualidade. O que acontece às vezes é que nas Vilas Olímpicas se dá um tratamento diferenciado àqueles que têm condições de se desenvolver no esporte, em detrimento daqueles que não têm. Vossa Excelência sabe muito bem que diversos professores priorizam a forma de seleção e deixam os outros alunos de lado, bem como o colega de educação física deve ter conhecimento disso.

Deveria também ser implementada nas praças onde existem campos de futebol a iniciação esportiva ao futebol. Sou favorável ao futebol por ser ele o esporte do povo brasileiro. Se hoje está popularizado, isso se deve ao Rio de Janeiro, e a prova disso é que o Flamengo continua a ter a maior torcida do Brasil.

O Rio de Janeiro foi abandonado. Fala-se em violência, V. Exas. são muito novos, mas quem tem a minha idade e gostava de futebol dificilmente não participou de um clube de pelada, porque em todo o Rio de Janeiro, em cada bairro havia um campo de pelada. Onde se construiu o Engenhão, do lado esquerdo, onde há um conjunto residencial, havia dois campos de futebol. Corri o Rio de Janeiro todo numa carroceria de caminhão, jogando futebol em tudo quanto é lugar. Em Tomás Coelho, onde fui criado - o Sergio Cabral (pai) foi criado do outro lado - havia cinco campos de futebol.

Então, a população tinha um lugar onde se reunir. Quando acabaram os campos de futebol, onde passaram a se reunir? Nos botequins. Vossa Excelência sabe muito bem, como educadora, que a entrada para o vício é o álcool. Vai todo mundo beber nos botequins, e vê-se a violência que aí está.

A especulação imobiliária foi citada na plenária sobre habitação. Alguém aqui estuda o Fórum Comunitário Paralelo? Fiquei admirado - não o conhecia. O Presidente desse Fórum Comunitário veio aqui, falou até mais tempo do que todo mundo - 15 minutos. Digo que existe discriminação, também, na luta popular. O Presidente era engenheiro, o Presidente da Associação de Santa Teresa é arquiteto, sendo ele arquiteto também.



Para não perder muito tempo, passo às mãos de V. Exa. o projeto que autoriza o Poder Público... Pediria que fosse transcrito na íntegra esse projeto, para que não ter de falar e a taquigrafia registrar. A representante da educação federal foi embora, o da estadual idem, e o da municipal acompanhou... A respeito dos campos... É o Subsecretário? Desculpe-me. É sobre a preservação dos campos de pelada ou várzea. Que façam um levantamento e não deixem mais destruir os campos que existem. O filho do Vereador Nadinho de Rio das Pedras, fazia parte da Escolinha do Flamengo que funcionava no centro do Recreio. A Prefeitura o tomou. E agora, onde se vai arranjar espaço para aquela garotada?

Uma questão especial para V. Exa. que é do Flamengo: sabe que a Escolinha do Flamengo, na parte de Fraldinha, foi disputar o Mundialito em Portugal? Não sabia, né? Vou fazer um pedido especial à senhora: que faça uma Moção, dê uma lembrança a essa garotada, porque honraram o nome do Brasil, especialmente da Cidade do Rio de Janeiro!

Sem mais me alongar, passo o documento à senhora, e peço sua transcrição na íntegra.

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) - Antes de chamar a última oradora, passo a palavra ao Vereador Rogério Bittar.

O SR. VEREADOR ROGÉRIO BITTAR - É para responder ao Sr. Osmir Pereira sobre a questão das ciclovias da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Sou oriundo de Bangu, sei das condições em que hoje se encontram as ciclovias da Zona Oeste do Rio de Janeiro. Fato é que na semana passada, junto com a Vereadora Aspásia Camargo, instalamos uma CPI contra a desordem urbana e a privatização do espaço público. Essa CPI, no primeiro Requerimento de Informação, pergunta à Prefeitura quantos quilômetros de ciclovia existem nos bairros de Deodoro, Realengo, Padre Miguel, Bangu, Santíssimo e Campo Grande, e qual a situação da ciclovia desses bairros citados. Estão elas iluminadas, pavimentadas, limpas? E por quê? Porque temos uma série de fotos registrando exatamente a depreciação desse espaço, principalmente em Padre Miguel, no Conjunto Dom Jaime Câmara, mais conhecido como Ponto Chique. Com certeza, quem tiver denúncias a fazer, encaminhe-as a essa CPI, que vai investigar os responsáveis por isso.

Está bom? Fotografia é o ideal.

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) - Por fim, chamo o senhor Ivan Monteiro, representante da Casa de Aconselhamento de Meninos e Meninas de Comunidades Carentes.

Antes do Sr. Ivan fazer o uso da palavra, o Cerimonial da Casa oferece um cafezinho aqui ao lado, no Cerimonial da Casa.

O SR. IVAN MONTEIRO - Boa tarde! Quero parabenizar a Mesa. É uma alegria estar aqui, porque nós temos que buscar recursos, buscar respostas.

Eu, como Presidente de Associação de Moradores, participei da Conferência da Cidade, do Plano Diretor, do Plano Piloto da Cidade, e vejo com alegria que o esporte está sendo implementado. Eu sou mestre de capoeira, e estamos trabalhando nas comunidades carentes, onde recebi um convite da Casa

de Meninos e Meninas Carentes. Como o Prof. Sergio disse, o esporte ainda não está sendo usado como merece. Ele está sendo implementado, e parabênizo a Vereadora Andrea Gouvêa Vieira por essa iniciativa; o Vereador Rogério Bittar, nosso Vereador que, jovem, já tem uma visão madura. Não é pela idade que tem maturidade, é pelo interesse e consciência.

Nós estamos aqui trabalhando nessas comunidades carentes do Morro da Mineira, Morro Dona Marta, Morro Azul, Pedreira, Comunidade de Acari, Comunidade do Dique, do Jardim América. E isso tem trazido soluções. A violência gera em cima de não atenção. A violência poderia estar pior, mas graças aos esportistas, às pessoas que estão sendo voluntárias dentro das comunidades, ela não está tão acirrada. Por quê? Nós vamos de encontro a essas crianças que precisam de assistência, de uma palavra de carinho, de amor. E o esporte também tem que ter amor, não é só profissionalização, o amor é o principal na vida de todos nós.

Eu queria deixar bem claro que a comunidade está aberta para visita dos Vereadores, está lá o Leandro apreciando os trabalhos que estão sendo feitos com as crianças. Eu tenho 600 alunos, graças a Deus. Não é que eu seja melhor do que ninguém, mas eu vou buscar.

E diz assim na palavra de Deus que “Buscai e achareis”... E nós estamos aqui trabalhando com o esporte, educação pedagógica, e educação cristã também, porque é necessário mostrarmos para essas crianças que só existe um Senhor, que é Jesus Cristo. Amem!

É só isso que eu tenho a dizer e a agradecer. Quero deixar meu telefone, meu endereço para que vocês... O Prof. Sérgio, já estive conversando com ele através do Cref... Nós vamos fazer a graduação de alunos instrutores e nós queremos registrá-lo. Nós estamos trabalhando, organizados. A Conferência da Cidade vai acontecer... O Plano Diretor... E nós temos que trabalhar junto a todos os órgãos ligados ao esporte, trabalhando em conjunto para melhorar a qualidade de vida, de assistência a todos os esportistas em geral. E vamos trabalhar em cima do esporte que cativa as crianças, em cima do que elas gostam.

Obrigada pela oportunidade!

(PALMAS)

A SRA. PRESIDENTE (PATRICIA AMORIM) – Gostaríamos de agradecer a presença de todos, colocar esta Casa, assim como nosso gabinete à disposição. Somos e devemos ser um elo de ligação e de participação de vocês, de suas reivindicações e sugestões ao Executivo, seja através de formatação de leis, dando representatividade às ações que são desejadas.

Desde já nos colocamos à disposição e disponibilizaremos também o conteúdo desta Audiência Pública que está sendo gravada, assim como a formatação das nossas sugestões para o Plano Diretor. E também, quanto às visitas e os convites que recebemos, participaremos de todos os eventuais congressos, encontros e visitas para os quais fomos convidados, e daremos seqüência a esta Audiência Pública. Começou aqui, deflagrou-se um processo através do Plano Diretor, e esperamos contar com os senhores nas próximas Audiências que realizaremos aqui nesta Casa de Leis.

Muito obrigada!  
Está encerrada a Audiência Pública.

(PALMAS)

(Encerra-se a Audiência Pública às 13h40)

## AUDIÊNCIA PÚBLICA PLANO DIRETOR – COMISSÃO DE ESPORTES E LAZER – 27.4.2007

Primeiramente, gostaria de agradecer a presença de todos que se mobilizaram para estar aqui, discutindo a inserção das políticas setoriais de esportes e lazer, no Plano Diretor da cidade do Rio de Janeiro.

Para enriquecer a discussão em torno do tema, a Comissão de Esportes e Lazer da CMRJ convidou:

- Ministério dos Esportes: Andréa Nascimento Ewerton - diretora do departamento de políticas sociais de esportes e lazer
- Governo do Estado: Fernando Sihman - subsecretário de Estado de Esportes
- Prefeitura: Secretário Municipal de Esportes e Lazer - Gustavo Cintra
- Secretária Municipal de Educação: Sônia Mograbi
- Secretário de Obras: Eider Dantas
- Rio Urbe: presidente João Luiz Reis da Silva
- CONFEF: representando o presidente Jorge Steinhilber – Sérgio Sartori, presidente de associação dos professores de educação física do estado do Rio de Janeiro
- Comitê Olímpico Brasileiro: Diretor de Esportes Agberto Guimarães
- Tribunal de Contas do Município: técnicos inseridos na fiscalização das escolas municipais e vilas olímpicas do Rio
- Presidentes de Confederações e Federações Esportivas
- Professores de Educação Física.

### O QUE É O PLANO DIRETOR?

O Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano é um complexo de normas legais e diretrizes técnicas para o desenvolvimento global e constante do município.

Ele diz respeito aos aspectos físico, social, econômico e administrativo desejado pelas comunidades locais. É o Plano Diretor da cidade que define as regras de uso e ocupação do espaço geográfico, de forma a orientar os investimentos urbanos públicos e privados. Sua importância está em englobar todos os problemas fundamentais da cidade, incluindo transportes, saneamento, enchentes, educação, saúde, habitação, poluição do ar e das águas, bem como as questões ligadas ao desenvolvimento econômico e social do município. Portanto, ele afeta toda a organização da sociedade e seu bem-estar.

## O PLANO DIRETOR E AS POLÍTICAS SETORIAIS DE ESPORTES E LAZER

O atual Plano Diretor da Cidade do Rio de Janeiro não regulamentou a instalação dos mobiliários esportivos em logradouros públicos, como, por exemplo, nas praças, nos parques, nas praias, nas escolas, etc.

Diante dessa lacuna legislativa, faço algumas observações a fim de tornarmos nosso Plano Diretor mais próximo dos anseios da sociedade carioca. A nossa Constituição Federal determina - Artigo 217, inciso

II - acerca da destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional, bem como, para casos excepcionais, desporto de alto rendimento.

Em paralelo o Decreto Federal nº 981/93 regulamenta as Políticas Nacionais do Desporto, regrando no art. 6º, inciso VII, a seguinte normatização:

### DA POLÍTICA NACIONAL DO DESPORTO

Art. 6º - A ação do Poder Público, em todos os níveis, exercer-se-á prioritariamente:

VII - Para apoio à infra-estrutura desportiva, com prioridade para as instalações escolares.

Ainda sob o aspecto legal, a Lei Orgânica Municipal do Rio de Janeiro dispõe em seu art. 383, incisos IV, VII, X e § 2º:

### DO FOMENTO AO ESPORTE E AO LAZER

Art. 383 - O município fomentará as práticas desportivas e de lazer, formais e não formais, inclusive para pessoas portadores de deficiências, como direito de cada cidadão, especialmente:

IV - formulando a política municipal de desporto e lazer;

VII - promovendo jogos e competição desportivas amadoras, especialmente de alunos da rede municipal de ensino público;

X - Construindo e equipando parques infantis, centros de juventude e edifícios de convivência comunal.”

§ 2º - A oferta de espaço público para construção de áreas destinadas ao desporto e ao lazer será definida, observadas as prioridades, pelo Poder Executivo, ouvidos os representantes das comunidades diretamente interessadas, organizadas na forma de associações de moradores ou grupos comunitários.

Sabemos que o esporte e a prática regular de atividades físicas são instrumentos de desenvolvimento humano e de melhoria da qualidade de vida de toda a sociedade. Estudos apontam o esporte como um dos principais meios de resgate da cidadania dos jovens. Incentivar a prática desportiva regular facilita o processo de socialização e a absorção de valores fundamentais como respeito ao próximo, disciplina e regras.

Desta forma, proponho que as políticas setoriais de esportes e lazer sejam inseridas no Plano Diretor da cidade, a fim de haja planejamento prévio para a implantação de novos equipamentos esportivos na cidade, sejam eles em escolas municipais, centros esportivos municipais, vilas olímpicas ou praças públicas.

Esta proposta tem o objetivo de buscar mais transparência da administração pública municipal, de modo a proporcionar uma maior especificidade das tarefas relativas às instalações esportivas.

Vale lembrar que a última pesquisa sobre instalações esportivas divulgada pelo IBGE apontou que menos de 50% das escolas municipais contam com algum tipo de instalação esportiva.

### RELAÇÃO DOS PRESENTES

Sérgio Sartori (Repres. Conselho Federal de Educação Física); Ieda Botelho (Repres. Federação de Ciclismo da Cidade do RJ); Alaor Gaspar Pinto Azevedo (Presidente da Confederação Brasileira de Tênis de Mesa); Luiz Mário Behnken (Repres. Comitê Social do PAN); Wagner Azevedo Coe (Repres. Secretaria de Esporte e Lazer); Osmir Pereira (Rep. Fórum Comunitário Capoeiras Campo Grande); Ivan Monteiro (Repres. Casa de Aconselhamento de Meninos e Maninas de Comunidades Carentes); Sergio Tavares; Gen. Ex. Claudio Barbosa Figureiredo (Assessor da Presidência - rep. Confederação de Vôlei); Helio Meirelhes Cardoso (Pres. da Confederação Brasileira de Pentaplo Moderno); Arly Peter de Souza (Rep. Confederação Brasileira de Pentatlo Moderno); Neusa Maria Soares (Pres. da Ass. Moradores do Sumaré); Guilherme Augusto de Souza (Rep. AVECMEJ - Associação de Vereadores das Câmaras Municipais do Estado RJ); Germano Thome (Rep. Ass. Pedra de Guaratiba); José da Silva Porto (Rep. Federação Ciclismo); Ildefonso Castro Júnior (Rep. Rio Urbe); Andrea Nascimento Everton (Rep. Ministério do Esporte); Ana Carolina Portela (Rep. LVA - Logística de Valor Agregado); Gilson Santos (Rep. Federação de Ciclismo RJ); Marco Antonio Escovino (Rep. Tribunal de Contas); Adriane Marques (Rep. Confederação de Estudantes de Educação Física); Anne Michelle Boechat Vieira (Rep. Sec. do PAN); Sydney Menezes (SMU); Marta Bandeira (Estudante da UFRJ Pesquisadora da Cidade do RJ).